OS ÚLTIMOS KÁHYANA

PROTÁSIO FRIKEL

Em fins de outubro de 1948 visitamos um tributário do Rio Trombetas, o Kachpakúru, a fim de conhecer um dos grupos indígenas habitantes de suas margens, os Káhyana. Fomos em companhia de alguns índios Kachúyana que, naquela época, moravam no igarapé Onomto-húmu, afluente esquerdo do Trombetas, e no Kuhá ou "Rio do Velho", afluente direito. Os Kachúyana tinham interêsse em subir até às aldeias Káhyana para obter informações sôbre algumas famílias de seu grupo que tinham ido até lá, em visita, e não enviavam notícias. Preocupados e desconfiados, resolveram fazer a viagem, convidando-nos a acompanhá-los.

Visto que nosso tempo estava limitado, passamos sòmente três dias na maloca Káhyana, de nome Márunu. Assim sendo, as breves notas aqui reproduzidas foram feitas, originàriamente, para servirem de apêndice a um trabalho mais amplo sôbre os Kachúyana, grupo estreitamente ligado àqueles por língua, cultura e tradições. É neste sentido que devem ser entendidas, isto é, como notas suplementares. Daí também as freqüentes alusões comparativas. Embora as circunstâncias ainda não permitissem a elaboração de um estudo sôbre os Kachúyana, julgamos, todavia, útil a publicação dêstes apontamentos, que constituem nosso único documento sôbre aquêle grupo, hoje pràticamente extinto.

1. O RIO KACHPAKÚRU

Aproximadamente uma hora abaixo do lugar chamado "Maravilha", conhecido como um dos centros de moradia dos antigos mocambeiros do Trombetas (cf. Frikel, 1955:226), encontra-se a foz do rio Kachpakúru. Embora bastante grande, é um rio ainda desconhecido e, por isso, não figura em mapa algum. Sôbre a etimologia do nome dêste rio, os índios não puderam esclarecer nada. Parece-nos que não é palavra do atual dialeto Kachúyana, mas têrmo arcaico. Alguns índios opinaram que podia significar "Rio dos Terçados" ou "dos Machados" (de pedra), pois o têrmo, usado para denominar o terçado entre todos os grupos vizinhos, inclusive os Káhyana e Kachúyana, é kachípara, kachífara. Achamos a explicação um tanto "folclórica", uma vez que os próprios índios não estavam certos da etimologia do nome (1).

---

(1) Cf. nota 3.

O Kachpakúru é um afluente esquerdo do rio Trombetas e vem dos centros intermediários entre êste e o Erepecuru. Baseado em algumas indicações da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (CBDL) a respeito de outros pontos da região, como a determinação das coordenadas da antiga maloca Tajá no Trombetas e da foz do Turúnu (Aguiar, 1943:53), a embocadura do Kachpakúru deveria estar, calculadamente, nas proximidades de 00° 29' lat. sul e 56° 52' long. W. Gw., portanto em altura quase equatorial.

Na região da foz, o Kachpakúru corre de leste para oeste, vindo, porém, mais acima de NE e NNE. Embora com vacilações, seu curso manteve êste rumo nos três dias em que nêle viajamos. Os Kachúyana afirmam que o rio conserva esta direção até a região das cabeceiras. O seu trajeto, portanto, pode ser determinado como sendo de NE para SO.

Sòmente no trecho superior recebe um tributário maior. É um riozinho que lhe aflui do lado direito, vindo do Norte. Seu nome é Kuráterë ou Kurátari, sendo, talvez, um segundo formador do Kachpakúru. Enquanto, segundo as informações indígenas, as cabeceiras do Kachpakúru estão situadas mais para o lado do Marapi-Erepecuru (êste último denominado por êles de Kumina, sendo o Cuminá dos civilizados), o Kurátari tem suas origens nas serras centrais do alto Trombetas, nas divisórias de águas Panamá-Marapi-Trombetas. Atravessa, segundo as mesmas fontes indígenas, regiões de campos centrais, embora menores. A mesma coisa se diz do Kachpakúru em seu alto curso.

Quanto à paisagem, o baixo Kachpakúru oferece, pelo menos no verão, aspectos muito interessantes. As ilhotas de pedra e as praias, que as inúmeras tartarugas-tracajás procuram para a desova, dão-lhe encantos especiais. O Kachpakúru já possui um curso fixo, com leito formado, cavado nas formações rochosas. Devido a estas condições geológicas, o fundo do rio é pedregoso e arenoso. A largura média é de 80 a 100 m, com exceção da foz que é mais ampla. No estio, o rio torna-se raso, com uma fundura de 1 m ou menos. Mas, devido à inclinação do terreno, corre bastante e a viagem se efetua, quase exclusivamente, a varejão. Sòmente nas proximidades das cachoeiras e quedas-d'água existem lugares mais fundos e redemoinhos perigosos.

Com um pouco mais de um dia de viagem de canoa, passa-se por Arintútpërë uma serra envolvida em lendas e tradições. Situada à margem esquerda do rio, é, provàvelmente, a maior elevação do baixo Kachpakúru Apresenta-se como um extenso "oitero", coberto de matas, cujo pico extremo, plano e de forma arredondada, é comparável a um torrador de beiju que sobressai no panorama. Daí seu nome: Arintútpërë, isto é, o que tem sido um "Torrador". Referem as lendas Káhyana e Kachúyana que existia ali um dos últimos centros dos Worêyana, o povo das mulheres. Daqui iniciaram a sua emigração para Oeste, eclipsando-se, assim, as suas tra-

dições. De fato, ao pé do Arintútpërë, entre a serra e o rio, existe uma grande terra preta com fragmentos de cerâmicas, sinal de antiga habitação indígena. Não tivemos ocasião de coletar amostras. Os índios, todavia, afirmaram que seriam do mesmo feitio ds de Irêmátpërë e da Enseada (outros sítios de cerâmica) que, quanto ao nosso conhecimento, ainda pertencem ao estilo Konduri do Baixo Trombetas (2). Sem dúvida, seria interessante poder examinar mais de perto aquêle sítio arqueológico de Arintútpërë. Talvez possam ser tiradas algumas conclusões novas sôbre a extensão da antiga cultura Konduri ou até sôbre o fundo destas lendas dos "Povos de Mulheres", as chamadas "Amazonas".

Bem acima de Arintútpërë começam as grandes cachoeiras. Até ali existem sòmente corredeiras que não oferecem sérias dificuldades de viagem. Seguem, depois, três cachoeiras maiores; para atravessá-las, as canoas devem ser puxadas por cima das pedras ou por pequenos canais. Vem afinal Kumpia, a maior delas neste setor, constituída por uma queda-d'água. Kumpia faz o papel de divisória entre o baixo e o médio Kachpakúru. Não há canoa que ali possa passar; deve ser arrastada por terra, para ser recolocada acima da queda. Para êste fim, os índios fizeram um "varadouro", um desvio ou uma trilha pela mata. Felizmente, a distância é curta. Mas para evitar mesmo êste trabalho, o índio viajante deixa a sua canoa no lado de baixo da cachoeira e vai por terra até a povoação. A distância é de 1½ a 2 horas de caminho.

A queda de Kumpia pode ter uma altura total de 6 m, aproximadamente. O rio derrama-se por 6 ou 7 quedas parciais numa largura total de cêrca de 100 m, jogando as águas num canal único que decorre em ângulo reto à cachoeira. Acima da maloca Márunu, situada à margem direita do rio, há várias outras quedas semelhantes à Kumpia, também com varadouros, segundo relatos indígenas. Isto indica que o terreno se eleva sempre mais, rumo aos centros daquela região.

Kumpia é, como já mencionamos, uma divisória entre o baixo rio e as terras centrais, mais altas. Como divisória, é de importância também para a pescaria indígena. Por natureza, o Kachpakúru é um rio bastante piscoso, especialmente em traíra-açu, caminani e outros peixes existentes no Trombetas. De Kumpia para cima, porém, não se encontram mais o tucunaré, o caminani, a arraia e o poraqué, que não passam daquela cachoeira. E é esta uma das razões porque os Káhyana possuem sòmente aldeias de Kumpia em diante. Ali estão mais seguros dos perigos dos

---

(2) Konduri: Nome de uma das culturas arqueológicas do Baixo Amazonas, ainda pouco estudada. Seu maior foco de expansão se encontra no Baixo Trombetas e lagos anexos até o Rio Nhamundá e Juruti. O estudo mais conhecido sôbre o assunto é da autoria de P. P. Hilbert, **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná**, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, n.º 9, Belém, 1955.

poraqués e especialmente das arraias, que podem ser observadas, às centenas, na água rasa das praias (3).

O Kachpakúru é, da mesma maneira, boa região de caça. É conhecido entre os índios por sua riqueza em antas, enquanto, segundo dizem, porcos são menos freqüentes. Também o vistoso urubu-rei e o possante gavião-real têm ali um habitat tranqüilo. Os Kachúyana fazem, até mesmo, viagens especiais ao Kachpakúru para caçar estas aves ou para, pelo menos, adquirir penas para a confecção de enfeites, trocando-as com os Káhyana.

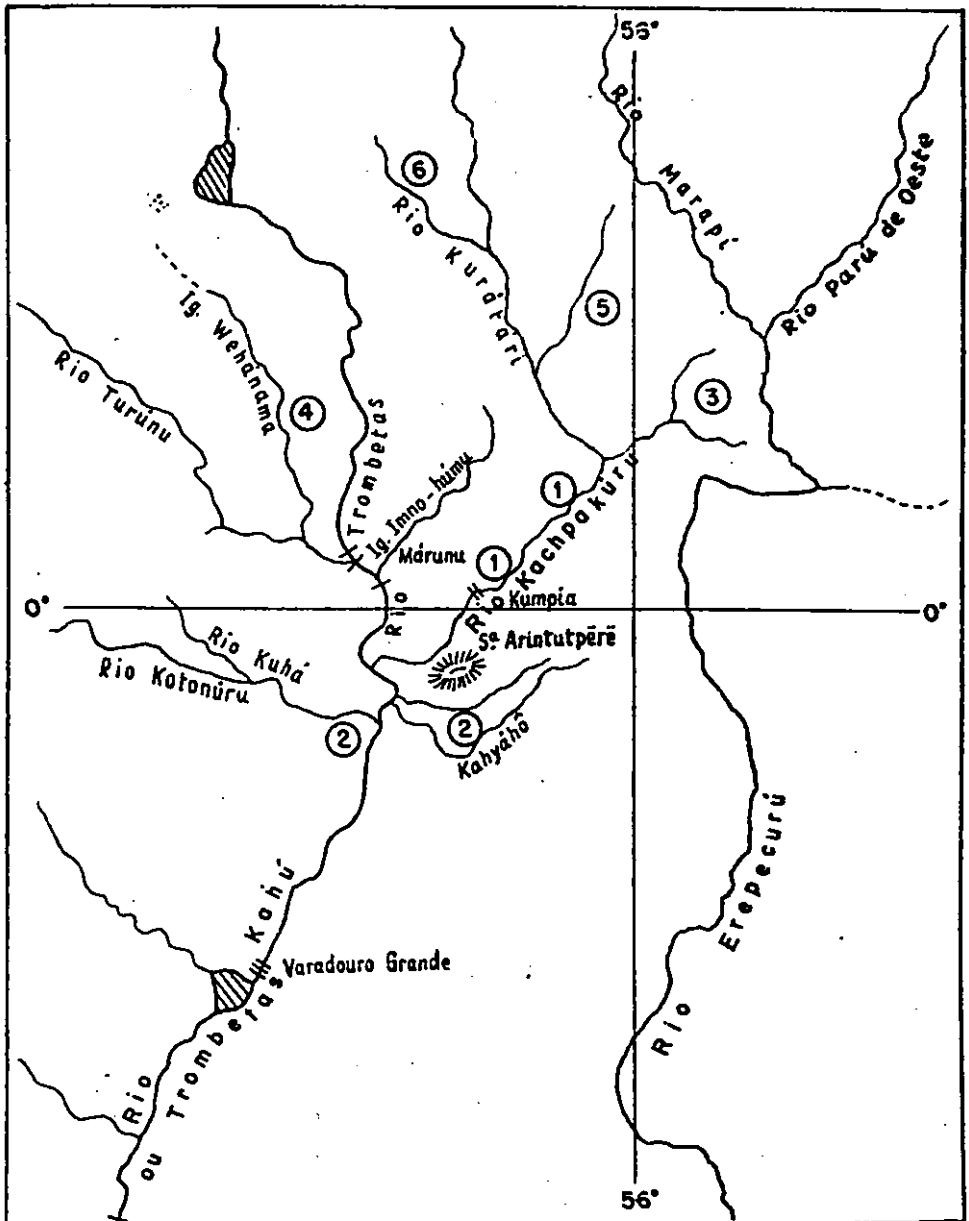
2. OS KÁHYANA

Como todos os tributários do rio Trombetas, também o Kachpakúru é habitado sòmente nos setores mais centrais e nas cabeceiras. No curso médio do rio os Káhyana estão divididos em dois grupos distintos. O primeiro, mais fraco, com seu centro em Márunu; o segundo, um pouco maior, com malocas em distância de cêrca de três dias de viagem, rio acima. Parte dêste segundo grupo possuía (em 1947/48) roças e casas no alto igarapé Imno-húmu, afluente esquerdo do Trombetas, situado um pouco mais para o Norte.

Os Káhyana do Kachpakúru são os remanescentes de um povo que ocupava, antigamente, a maior parte do Trombetas equatorial, desde as cachoeiras do Varadouro Grande ao Sul, até o Panamá e Kafuíne (Kafuwêni) ao Norte. Todavia, sempre consideravam o Kachpakúru e a região do Trombetas, compreendida entre o Kuhá e o Turúnu, centros de habitação tradicional. Segundo contam, também êles imigram na bacia do Trombetas, vindo das serras altas que se encontram bem a Oeste. Os atuais grupos são, como já dissemos, os remanescentes daquela população que se extingüiu pelo seu espírito belicoso e por suas contínuas guerras fratricidas, estimuladas ainda por costumes antropófagos, então vigentes entre êles. Assim contam as suas próprias tradições histórico-lendárias (cf. Frikel, 1955) e assim o afirmam ainda, e diretamente, os Kachúyana, dizendo: "Brigaram com todos e brigaram também muito entre si. Não foi por doença que êles se acabaram como os nossos. Foi por briga...!" (Frikel, 1955:205). (V. mapa 1).

Os Káhyana formavam já em 1948 um grupo muito reduzido. O de Márunu constava de três famílias com dez indivíduos. Os homens e as mulheres casados tinham de 30 a 40 anos, em média. Sòmente o chefe da

(3) Não é impossível que o nome do rio tenha conexão com êste fato e que «kachpari, kachipari» seja forma arcaica do atual «chipari, sipari», isto é, «arraia». A etimologia do Kachpakúru seria, então, «Rio das Arraias», sendo «ku, kuru» forma arcaica para água ou rio. É uma sugestão nossa que, entretanto, encontra formas paralelas nos nomes de Chipariwêni e outros com o mesmo significado referido.



1 - KÁHYANA

2 - KACHÚYANA

3 - PIANAKOTO

4 - TUNAYÁNA

5 - EWARHOYÁNA

6 - RÊRÊYÁNA

aldeia tinha idade superior a 50. Os próprios Káhyana notaram e lamentaram o desaparecimento da população. Cremos que seja esta uma das razões porque, nos últimos anos, criaram novamente contactos mais intensos com os grupos vizinhos.

Também o grupo de cima possuía sòmente pouco mais de 20 membros, o que daria um total de cêrca de 30 pessoas, incluindo indivíduos de qualquer sexo e idade. Um ano mais tarde, em 1949, restavam, do grupo de Márunu, sòmente 3 pessoas: dois homens e uma mulher que se refugiaram com os Kachúyana do rio Trombetas. E do grupo de cima sobreviveram aproximadamente 10, que se retiraram para as matas do Imno-húmu. Desde 1953, data do nosso último encontro, perdemos também êste grupinho de vista, ignorando se ainda existe ou se se agregou a outro grupo vizinho.

O têrmo Káhyana deriva do nome de seu antigo **habitat**, o rio Trombetas ou **Kahú**; quer dizer, pois, "Gente (-yana) do Trombetas (kahú)". A designação é, portanto, etimològicamente idêntica à do grupo parcial dos Kachúyana que mora no Trombetas, denominado também de "Kahúyana" e que significa o mesmo que Káhyana — "Gente do Trombetas". Segundo o seu **habitat** atual, os Káhyana são também chamados Kachpakúyana ou seja "Gente do Kachpakúru".

Lingüisticamente pertence à família karib. Seu dialeto é, essencialmente, idêntico ao dos Kachúyana. Aparecem, todavia, algumas pequenas diferenças dialetais. Para exemplificação citaremos a palavra urucu: **onómto**, em Kachúyana; **onónto**, em Káhyana. Também usam, conforme indicação Kachúyana, certas expressões que êstes não conhecem, mas que pelo contexto entendem, ou melhor, "adivinham". Não sabemos se se trata de influências lingüísticas Tunayana ou Pianokotó ou de formas arcaicas ainda em uso.

Em comparação com os Kachúyana, os Káhyana chamados "puros" eram de compleição mais esbelta, delgada, mas sem dar a impressão de serem fracos. Tipos provenientes de mesclagem com Pianokotó eram, geralmente, fortes. As mulheres, em parte, pareciam até um pouco subnutridas, enquanto outras (tipos mesclados) mostravam tendências para obesidade. O chefe da aldeia nos foi apresentado como legítimo tipo de um Káhyana (v. Pr. II). Os característicos antropológicos, em seu conjunto (cabelo prêto e liso, tez variando entre amarelado e moreno escuro, escassez de pêlo corporal e de barbas etc.), concordam com os dos karib daquela paragens. Traços mongolóides eram visíveis, mas não muito acentuados.

Antigamente penteavam o cabelo em partes iguais para todos os lados, sem repartí-lo. Hoje, o penteado é o mesmo usado entre os Kachúyana. O repartido passa atravessado, de orelha à orelha, formando na frente

"pastinhas". Observamos, todavia, que os homens gostavam mais de usar o cabelo aberto no ocipital, enquanto as mulheres o traziam, freqüentemente, em forma de nó. Também na testa, as "pastinhas" não eram cortadas de maneira tão cuidadosa, como fazem os Kachúyana. Êstes chamaram ainda a nossa atenção para uma particularidade, a saber, que os Káhyana tinham os orifícios nos lóbulos das orelhas muito maiores do que os seus, e acharam isto "feio". Todavia, êstes furos não eram maiores que 1 cm.

3. GRUPOS VIZINHOS

Os Káhyana estão rodeados por vários grupos tribais, ficando como que dentro de um cêrco.

Nas cabeceiras do Kachpakúru encontram-se algumas aldeias Pianakotó do grupo "Marajó" ou "Maraxó" (cf. Frikel, 1964:98 e 100), que dali se estendem em rumo NE até o rio Erepecuru. Ao Norte, comunicam-se pelo Marapi com os Maraxó do Panamá. Visto que os Maraxó são uma sipe (4) Tiriyo, êsses Pianakotó do Kachpakúru constituem um grupo Tiriyó um tanto isolado.

Nos muito falados campos do Kurátari, êste rio recebe um afluente esquerdo de nome "Igarapé da Anta". Reside, ali, a tribo dos Ewarhoyana (cf. Frikel, 1957:545; 1958:152) que, segundo os informes obtidos, deve ser incluída no grupo Ingarünë-Warikyana. O nome Ewarhoyana quer dizer, simplesmente, "Gente (do igarapé da) Anta".

Ainda no Kurátari, embora em outro afluente de mata, encontram-se os Rêrêyana, os "Índios Morcegos" ou "Índios Vampiros. (cf. Frikel, 1957: 556; 1958:173). Existem contactos entre os Rêrêyana e os Káhyana. Mas aquêles são olhados com desconfiança por êstes, pela fama que possuem de serem ainda antropófagos. Os Rêrêyana são, possìvelmente, os mesmos Nêrêyana ou Nêrêyó dos Tiriyó a julgar pela coincidência de indicação de nome, habitat e costumes de canibalismo (cf. Frikel, 1957:552; 1958:166).

Como grupo de contacto, um pouco fora da área do Kachpakúru pròpriamente dito, devem ser mencionados, em primeiro lugar, os Kachúyana, habitantes do Trombetas, abaixo da foz do Kachpakúru (5). Estendem-se dali, divididos em três pequenos grupos, sôbre o rio Yaskuri até o médio

(4) Tomamos aqui o conceito de sipe como unidade baseada em princípios de patrilinearidade, em contraposição ao clã que obedece aos de matrilinearidade.

(5) Hoje, em 1965, a situação é diferente. Também êste grupo Kachúyana se dissolveu. Uma parte foi morar com os Ingarünë do Panamá, na aldeia do Tótomë. O resto foi ter com os Tiriyó do Paru de Oeste pedindo agasalho na Missão Franciscana. É interessante observar novamente a tendência tradicional dêstes grupos de se aproximarem ou mesclarem com os Pianakotó (Tiriyó).

rio Kachúru (Cachorro) (6). São, como já informamos, os grupos mais aparentados aos Káhyana.

Mais para Noroeste residem os Tunayana (que são os Charuma dos Tiriyó) no igarapé Wehánama, afluente esquerdo do rio Turunu; e para o Norte, os Maraxó do rio Panamá, formador esquerdo do Trombetas, com os quais são aparentados por laços de sipe.

Tal agrupamento de tribos elucida que o Kachpakúru e os Káhyana ficavam em posição central, o que, por sua vez, resultava em contactos vários. De fato, mantiveram-se relações mútuas até o colapso dêsses últimos em 1949, e os vários grupos visitavam-se quase anualmente. Os caminhos iam de Márunu aos Tunayana pelo médio e baixo Imno-húmu até à cachoeira da Fumaça, no rio Trombetas, e de lá ao Turúnu e Wehánama, na margem oposta (direita). Por outro lado, levavam as estradas Kachpakúru acima, até as aldeias dos Pianakotó, nas cabeceiras, e de lá adiante até o Marapi e Cuminá (Erepecuru). Também com os grupos do Kuratari existiam contactos, embora menos intensos. Até que ponto se processaram influências culturais ou se efetuaram começos de aculturação mútua, tentaremos indicar no trecho seguinte.

4. CONTACTOS CULTURAIS

Não resta dúvida alguma que, pelo contacto com os grupos vizinhos, deram-se também influências culturais. Estas, porém, pelo que observamos, ainda não chegaram a um tipo de aculturação definido. A influência dos vizinhos Pianakotó (= Tiriyó-Maraxó) parece ter sido a mais forte, visto que havia casamento entre indivíduos Káhyana e Pianakotó. Já nas antigas lendas e tradições de Kumi-yumu, Tamoa e outras, indica-se a emigração de grupos Káhyana e sua mesclagem com os Pianakotó (cf. Frikel, 1955:207, 221, 225 etc.), o que pressupõe ligação de longa data com êles. E êsse contacto existia ainda até 1948. Em Márunu, na época da nossa visita, estavam presentes também alguns Marajó das malocas Pianakotó do alto Kachpakúru.

A influência Pianakotó manifesta-se, principalmente, nas cantigas, das quais muitas foram adotadas. Tmbém a aceitação de vários tipos de trançados originou-se dêste contacto: o warahê, tipo de caixinha de palha; o puyúru, uma espécie de bandeja de palha trançada, redonda; o íworko, uma peneira com suporte, muito comum entre os Tiriyó (Pianakotó) e que entre os Kachúyana não observamos. E vários objetos mais.

---

(6) O nome do rio em sua forma aportuguesada «Cachorro» é uma deturpação do têrmo indígena **Kachúru**. Deriva-se daí a designação de seus moradores índios: **Kachúyana**, isto é, «Gente do (rio) Kachúru».

De influência Tunayana são, com certeza, uma série de cantigas e vários sistemas de trançados em prêto e branco, entre êstes, as belas cestinhas-caixas de arumã.

Dos Kachúyana, adotaram diversos enfeites para homens, p. ex.: cintos de arumã trançados, braçadeiras confeccionadas com murumuru, pintadas com tintas de breu em sistema Kachúyana e, principalmente, o penteado com a divisão transversal do cabelo, de orelha para orelha.

Citamos aqui apenas uns poucos exemplos, dos quais julgamos poder afirmar com certeza a fonte destas influências, pois sòmente queremos indicar que, de fato, havia influências culturais, agindo sôbre os Káhyana. Até que ponto, porém, se estava processando uma aculturação intertribal, naquela região, foge ao nosso conhecimento.

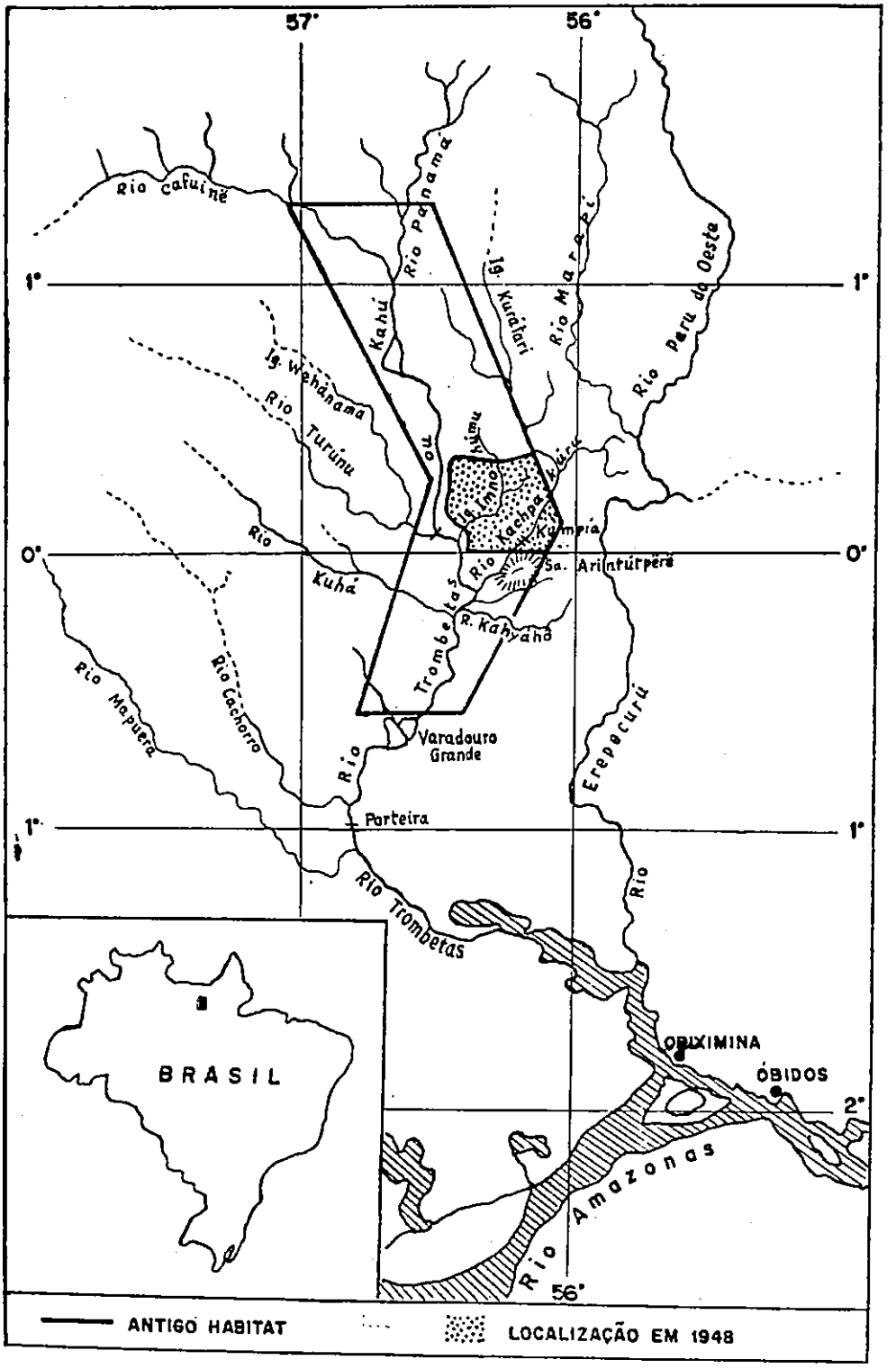
Outrossim, aludiram os Kachúyana a que os grupos do Kurátari são mais atrasados que os próprios Káhyana, mas que êstes mantinham certos contactos e relações comerciais com aquêles. Indiretamente relatam assim influências Káhyana sôbre os índios do Kurátari. Do pouco que sabemos daqueles começos de aculturação interindígena naquela região, podemos, todavia, formar o seguinte quadro que, pelo menos, nos deixa entrever uma ação até mesmo concentrada sôbre o grupo central, os Káhyana (v. mapa 2).

5. TRAÇOS DE CARÁTER

A tradição indígena afirma largamente que os Káhyana eram guerreiros desapiedados e o terror do Trombetas, extingüindo a população do rio com seus assaltos e matanças (cf. Frikel, 1955). Ainda hoje, possui a fama de serem "gente braba". Pode haver algo de verdade nisso. Até há pouco tempo, formavam um só grupo. Mas pelos anos de 1945/46 houve desavenças na aldeia, resultando em assassínios e cisão. Em conseqüência disto, os Káhyana se dividiram nos dois grupos mencionados. Um dêles mudou-se primeiramente para os lados do Imno-húmu, construindo, mais tarde, outra aldeia no Kachpakúru, porém, mais acima, em distância de três dias de viagem dos outros. Posteriormente, fizeram as pazes, mas moravam separados. No tempo da nossa visita havia cessado a inimizade.

No entanto, até certo ponto, cremos no caráter belicoso e agressivo dos Káhyana. Tivemos uma pequena experiência da sua desconfiança na ocasião da nossa chegada. Explicamos, todavia, essa atitude como medida defensiva diante do desconhecido.

Não negamos que os primeiros 15 minutos na aldeia foram bastante penosos para nós. Ficamos sentados na frente da casa do chefe, rodeados por homens acocorados com os cacêtes entre as mãos, em atitudes não


57°
56°
1°
0°
2°
Rio Cafuinê
Rio Panamá
Ig. Kuráiari
Rio Maraú
Rio Paru do Oeste
Ig. Wehdama
Rio Turuinu
Rio Kahú
Rio Kuhá
Rio Trombetas
R. Kahyaha
Sa. Arintúrpera
Kumpia
Varadouro Grande
Rio Mapuera
Rio Cachorro
Rio Erepecuru
Porteira
Rio Trombetas
ORIXIMINA
ÓBIDOS
Rio Amazonas
BRASIL
ANTIGO HABITAT
LOCALIZAÇÃO EM 1948

muito amistosas. Todos de cara fechada, ninguém disse palavra. Era a vez do chefe falar; mas permaneceu calado, olhando, de vez em quando, furtivamente, para nós. Aos poucos, a situação estava se tornando crítica e notamos a inquietação no rosto dos Kachúyana. Para aliviar a tensão dos nervos, começamos a fazer um cigarro. Tivemos a boa idéia de oferecê-lo ao chefe. Dirigimo-nos a êle, dizendo: "**Amú, tamún itchêka-mana?**... Vovô tu queres meu cigarro?..." Êle nos olhou surprêso (talvez não esperasse que o branco soubesse a sua língua) e começou a sorrir. Estendendo a mão, respondeu: "**Demgó, parë; itchêwadz. pa!**... Me dê, meu neto; eu quero!..." Ainda com os cacêtes entre as mãos, alguns Káhyana acharam graça e começaram a rir. Os Kachúyana suspiraram aliviados. O cigarro tinha solucionado o caso. O velho, então, iniciou as saudações de praxe. Gritou alguma coisa para dentro da casa, a fim de que fôsse preparada a bebida de cumprimento. Mais tarde, um dos Kachúyana, Antônio Muí, que falava bastante bem o português, comentou: "Já pensei que ia haver briga. Primeiro o velho nem quis saber da gente e não nos cumprimentou. Foi bom êste teu truque com o cigarro, chamando o velho de **amú** (meu avô). Eu já estava ficando com mêdo, mas agora está tudo bem. Conheço aquela gente. Agora não tem mais perigo. Está tudo bem..."

Vencida a primeira desconfiança, nos poucos dias da nossa demora entre êles, tornaram-se bastante cordiais. Mostravam-se alegres, amigáveis e prestimosos. Os rapazes e homens sempre dispostos para pequenas brincadeiras e experiências de luta corporal, semelhantes ao conhecido **huka-huká** dos xinguanos. Um dêles insistia em medir fôrças conosco que, naturalmente, nos esquivamos. Mesmo as mulheres, embora mais retraídas, em breve tornaram-se desembaraçadas e afáveis. Chamando-as de **manái**, isto é, de "irmã", ofereciamo-lhes, de quando em vez, um cigarro que gostavam de fumar às escondidas. Também a nossa brincadeira de "vovô" e "meu neto" continuava. Demo-nos muito bem com o velho.

Nunca fomos roubados. Nas trocas, os Káhyana eram muito mais modestos do que os Kachúyana e sempre se mostraram satisfeitos com o que receberam. Quando, por ocasião da despedida, perguntamos ao nosso **amu**, se desejava a nossa volta, no ano vindouro, olhou-nos surprêso, dizendo que êle e todos esperavam isso da nossa parte, porque precisavam de facas, terçados etc. Também iria chamar os seus parentes no alto rio, para nos conhecerem. Nestas circunstâncias, convém dizer que éramos o primeiro homem branco que viram e com quem travaram conhecimento. Mas ainda não sabíamos que seríamos também o único, pois no outro ano o grupo já não existiria mais. Resumindo a êstes traços o caráter dos Káhyana, nossa impressão foi melhor que a que tínhamos dos Kachúyana. Isto provinha, possìvelmente, do fato de que os Káhyana nunca tinham sido atingidos por homens civilizados, enquanto aquêles tinham sofrido con-

tactos com os castanheiros do rio Trombetas que, na maioria, são descendentes dos antigos mocambeiros, escravos fugidos, no século passado, das fazendas do Baixo Amazonas.

6. COSTUMES DE HOSPITALIDADE

Como quase todos os karib, também os Káhyana são bastante hospitaleiros. Como já dissemos, depois de certa hesitação inicial, a recepção em Márunu tornou-se cordial, naturalmente dentro do estilo de cumprimentos que não difere do dos Kachúyana. Foi-nos apresentada uma grande panela de bebidas (**makwá**), cheia de **naho-yáukuru** (um refresco adocicado, feito de cará dissolvido em caldo de cana e água fria) contendo cêrca de 20 litros. Tôda a bebida devia ser tomada por nós, homens visitantes. Assim o exige a etiqueta indígena, pois, quanto mais bebida o hospedeiro manda pôr, tanto maior é a amizade e a satisfação pela visita. Em outras palavras, o tamanho do **makwá** e a quantidade de bebidas tornam-se uma espécie de medida ou "termômetro" do grau de cordialidade da recepção. Por duas vêzes, os nossos companheiros foram à beira do terreiro vomitar, para poder continuar a ingerir tôda aquela quantidade, até o fim. Também êstes vômitos pertencem ao estilo indígena, como parte integrante do cerimonial de recepções. Por um lado, o hospedeiro sabe perfeitamente que ninguém pode suportar tais quantidades de bebidas, êle conta, pois, com o vomitar cerimonial. Por outro lado, o hóspede quer mostrar com isso que foi tratado com amizade e superabundância, que se esforçou para não deixar restos, o que poderia ofender o anfitrião. Em todo caso, não se deve considerar essa atitude na ocasião de recepções como um vício. É cerimônia radicada na tradição tribal.

Após pequenas ausências, chegando, p. ex., da caça ou da roça, não há, naturalmente, êsse cumprimento formal. A mulher, filha ou outros parentes oferecem simplesmente uma cuia com bebida, e está cumprida a exigência imposta pelos costumes.

Durante a nossa estada em Márunu, sempre fomos bem tratados. Na despedida manifestou-se, mais uma vez, a hospitalidade indígena. Ricamente presenteados, com cargas inteiras de bananas, cará, massa de mandioca, beijus assados, ananases e paus de cana, deixamos a aldeia. Os Káhyana mostraram-se realmente generosos.

Dos presentes, nada se deve deixar. Seria outra vez contra a boa educação indígena e os bons costumes. Tudo que se recebe deve ser levado. Caso contrário, o índio se sentiria ofendido, e sua dádiva desprezada.

7. ASSEIO

Sem querer depreciar os nossos amigos Káhyana, somos da opinião que, quanto à higiene, ficam muito atrás dos Kachúyana. Não se pode afirmar diretamente que o asseio e a limpeza sejam os seus inimigos figadais, mas também não são as suas virtudes. Casa, aldeia e terreiro dão uma impressão descuidada, no que contrastam enormemente com os Kachúyana. Montes de cinzas e de lixo nas casas, excrementos de cachorros e outras imundícies no terreiro, môscas, formigas e outros insetos atraídos por cascas de frutas podres não fazem da aldeia um paraíso. Melhor é a higiene corporal. Devido aos freqüentes banhos, os índios sempre andam limpos. Banham-se duas ou até três vêzes por dia, conforme a ocasião e a necessidade.

Observamos ainda alguns costumes que, ao homem civilizado, parecem pontos negativos no sistema de higiene e asseio Káhyana, mas que o índio não sente como tais. Um dêles é o contínuo cuspir que, inicialmente, se torna nojento para o forasteiro. Outro, que diz respeito à cozinha: as panelas raras vêzes são limpas, tiram as tripas dos peixes maiores, mas não os lavam, nem os descamam. Resultado: nã hora da refeição, todos estão com a bôca cheia de escamas. Tossem e cospem com tôda fôrça para se livrarem delas que voam por cima da panela e da comida do vizinho, ou ainda tiram as escamas da bôca com os dedos, recolocando-as na panela.

8. CULTURA MATERIAL

Os Kachúyana e Káhyana, quando os conhecemos, estavam bàsicamente no mesmo nível cultural. Talvez aquêles tivessem um equipamento um pouco mais elaborado devido às influências Tunayâna. Pareciam-nos também mais polidos, mais criteriosos na execução de seus trabalhos e utensílios. Queremos dar, aqui, um resumo do equipamento material Káhyana, indicando, quando necessário, certas divergências.

a) Casas

Habitação preferida é a **kwama, kuama**, casa de oitão no tipo de barracão sem paredes. Na ocasião da nossa visita, existiam em Márunu sòmente casas dêsse tipo. Isto não quer dizer que não conhecessem outros sistemas de construção. Pelo contrário. Planejavam os Káhyana, naqueles dias, edificar uma grande casa circular aberta (**tamíriki**).

A kwama dos Káhyana mostrava algumas ligeiras diferenças da dos Kachúyana. A palha da cobertura não era cortada, como ali, numa altura

de cêrca de 1 m, mas chegava quase ao chão, formando paredes laterais fictícias. Mostravam-se também diferenças na maneira de cobrir a casa. Na primeira carreira, inferior, a palha era colocada verticalmente de forma que, pelas nervuras das fôlhas originava-se uma camada dura e firme, denominada tchurá, mas que não se via pelo lado de fora, pois, sòmente sôbre esta, vertical, era posta a cobertura pròpriamente dita, em carreiras horizontais. Às vêzes, ainda amarram, mais espaçadamente e em sentido vertical, fôlhas inteiramente abertas por cima dessa cobertura. As suas pontas alcançam quase o chão. Nos oitões, as palhas de cumeeira, no tipo de "quebra-vento", são compridas, avançando bastante para fora.

No lado exterior da casa acham-se freqüentemente o moquém e os jiraus para secar beijus. O fogão, constituído por uma trempe de três pedras, sempre se encontra dentro da casa. Suportes (trempes) de barro são conhecidos pelo contacto com os Tunayana, mas não estão em uso.

b) Canoa e remo

Os índios do Kachpakúru andam muito em canoas, mas conhecem sòmente a canoa de casca de jutaí (wêhítpo). O sistema de construção é o dos karib daquela região. Ubás, feitas de troncos de árvores ou "canoas de forma", isto é, de pranchas de itaúba, êles as ignoram. Mas encontramos, talvez, entre êles, ainda a forma primitiva do remo Kachúyana (7). Êste é semi-lanceolado, sem ponta na pá. A cabeça do cabo é relativamente pequena e estreita, mas sempre bem talhada e elaborada, mostrando ornamentação simples. O cabo, aos poucos, se perde na pá, semelhante a uma nervura de fôlha. O comprimento médio é 1,30 m.

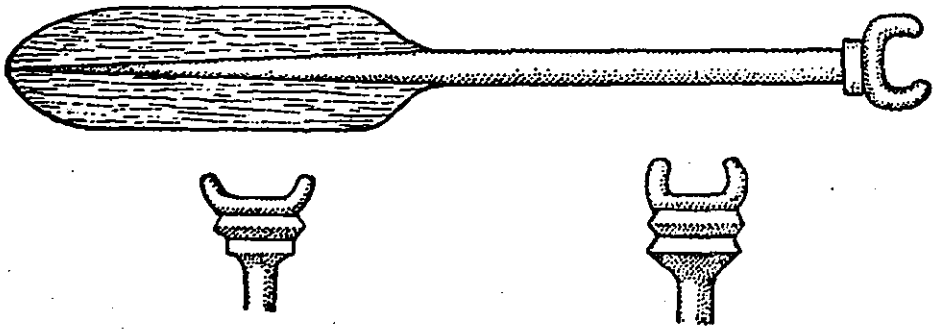


Fig. — Forma de remo e de cabos de remo káyana.

(7) Os Kachúyana, hoje em dia, usam exclusivamente remos importados de pá redonda, como estão sendo fabricados no Baixo Amazonas. Baseando-se no estreito parentesco cultural dos dois grupos, talvez seja permitido tirar a conclusão que a forma primitiva dos remos Kachúyana tenha sido aquela, observada entre os Káhyana.

c) **Armas**

As armas Káhyana, consistindo em bordunas, arcos e flechas, não diferiram das dos Kachúyana em materiais e formas.

Das bordunas, vimos sòmente as do tipo cacête roliço, feitas de âmago de madeira pesada ou de pau-d'arco: o tipo curto (**wainhá**) com cêrca de 50 cm e o comprido (**awapkúru**) com 1 m aproximadamente.

Os arcos (**pragmá**) são feitos de pau-d'arco ou de muirapinima, e possuem um comprimento de 1,80 m. O corte transversal mostra forma triangular, nas duas variantes de costa reta e cavada. Não encontramos arcos de base circular. A corda é fabricada de fibras de curauá e torcida sôbre a coxa direita.

As flechas (**práuwë**) são do tipo geral dos karib. A haste é uma sagitária plantada. A taboca, como material de flecha, não estava mais em uso, mas constituiu um tipo arcaico, conforme contaram.

Distinguem-se pela ponta e pela presença ou ausência da empenação, flechas de caça das de pesca. As usadas na pescaria não são emplumadas.

A maneira de amarrar a empenação nas flechas de caça é a do tipo paralelo. Existe emplumação complementar, feita de penas de tucano, vermelhas e amarelas (**maspiúru**).

Os tipos de flecha observados são os seguintes:

De caça:

rahó, com ponta de taquara, para caça grande e guerra;

kuhakpá, com ponta de taquara, recortada; a finalidade é a mesma do **rahó**;

tuhótkema, com ponta de osso, formando um esporão lateral; para caça miúda e, sem empenação, também para pesca;

tiohí, com ponta de madeira, tipo espêto, usada para caça miúda;

wiririká, com ponta de madeira bilateralmente farpada em filas paralelas, para aves e pássaros.

De pesca:

tchehênai, com ponta de farpa, de ferro ou osso;

tchehamta, com três pontas de farpa, ligadas entre si, feitas também de ferro ou de osso. Seja anotado que as pontas de ferro consistiam em pregos bem batidos que receberam dos Kachúyana.

Anzóis de aço, encontramos sòmente em pouca quantidade. Foram adquiridos pelo intercâmbio com os Kachúyana. Ignoramos se êles conheciam tipos de anzóis arcaicos.

d) **Cerâmica**

As mulheres são as oleiras. A técnica usada é a espiralada. O barro empregado, quando cru, é cinzento. Para o uso, o barro é temperado com caripé. Alisam as paredes dos vasos ainda não queimados com seixos bem polidos pela água, com caroços de inajá (**karakará**) e com cacos ovais de cuia (**yawá**).

Existem dois tipos básicos de vasos: panelas de cozinhar (**tchurayénë**), com fundo em forma de disco, bôjo não muito alto, mas largo; panelas de bebidas (**makwá, makuá**), mais altas que aquelas e sem beira. Em panelas grandes dêsses últimos tipos preparam as bebidas, mas oferecem-nas em menores ou em cuias.

Outro produto da oleira é o torrador (**arintu, arinatu**), redondo, de tamanhos vários, até 50 cm de diâmetro, para a confecção de beijus.

Também as rodelas de fuso, de barro são feitas pelas mulheres.

e) **Utensílios de casa**

Encontra-se, nas casas dos Káhyana, uma quantidade bem variada de utensílios para o uso diário. Os que, geralmente, logo dão na vista, pertencem ao grupo dos trançados. À maneira de um levantamento, podemos assinalar:

ptômu: o tipiti, de talas de arumã e forma tubular, comum na área das Guianas;

íworko: peneira quadrada sôbre um suporte tubular, de arumã, para passar massa de mandioca exprimida;

manare: peneiras baixas (sem suporte), quadradas ou retangulares, também de arumã; podem ser simples, com a côr natural da casca e de malhas grandes, para peneirar massa de mandioca, ou de talas pintadas, justas, formando desenhos; são utilizadas para coar bebidas de frutas;

puyúru: tipo de esteira-bandeja, redonda, trançada de palha, para colocar beijus e outros produtos não-líqüidos ou também algodão; alguns dêsses trançados possuem uma orla que sobe em ângulo reto;

kahadze: tipo de esteira-bandeja quadrangular, trançado de palha, servindo às mesmas finalidades do **puyúru**;

puahuá: cestas-caixinhas com tampa, feitas de palha de curuá, para guardar miudezas; outro tipo é feito de talas de arumã pintadas. Os belos desenhos, que pelos sistemas de trançados se originam, aparecem, geralmente, em prêto e branco. Tudo indica que se trata de uma influência Tunayana;

warahê (-imó): cesta-caixinha com tampa, de palha de curuá. Empregam-se pedaços de pínulas com talas aderentes que são costuradas em faixas, constituindo as paredes e os fundos da cestinha-caixa; serve às mesmas finalidades do **puahuá**;

wutsáha: tipo de panacu ou "pêra", feito de qualquer fôlha de palmeira, para uso momentâneo;

pürkahô: panacu de murumuru bem trançado, forte e seguro, para cargas pesadas e para viagens. O panacu de ambé (**pkará, pakará**) dos Kachúyana (aliás elemento cultural do Baixo Amazonas) não se encontra entre os Káhyana;

ptchôro: cestinha de arumã, de fundo quadrado, corpo tubular e bôca estreita, sem tampa; usada para guardar objetos pequenos; é provàvelmente uma influência Pianakotó;

kumáru: trançado semelhante ao **ptchôro**, porém mais comprido, possuindo bôca em forma de gargalo; serve especialmente para conservar pimenta sêca ao sol;

wanahá: o abano, feito de talas mais resistentes de pínulas de murumuru; é empregado como suporte para comidas, quando nôvo, e para abanar fogo, quando velho.

Outras cestas abertas de arumã ou palha, sem tampa, não foram encontradas. Do tipo "**aháta**" ou "balaio de mulher" (uma cesta de arumã sem tampa, de talas pintadas) os Kachúyana disseram positivamente que os Káhyana não os possuem, porque "não os sabem fazer"...

Existe ainda outra série de objetos, fabricados de madeira, algodão e enviras ou cascas de árvores. Assim temos:

assentos: comuns para ambos os sexos, são paus roliços, não muito grossos, e cascos de jabuti; para homens especialmente, banquinhos de assento oval (**murêma**), todos que vimos foram adquiridos com os Tunayana; para mulheres existiam esteiras de estôpa de castanheira bem batida (**tútkehítpo**);

rêdes: as que encontramos eram feitas de algodão, mas dizem que as fazem também de curauá (**odwêtó**);

tipóias: para carregar crianças (**wênêhú**); são feitas de envira batida;

ralos: consistem numa tábua de madeira retangular, com lascas de quartzo embutidas, no sistema "**piano-yáumu**"; as pedras adequadas são procuradas no estirão abaixo de cachoeira Fumaça, no rio Trombetas. O nome do ralo é **chimari**;

colheres de pau: são de forma espatulada (**maködji**), feitas de pau-d'arco, pelos homens;

fusos: para torcer fios de algodão, usados pelas mulheres (**pohogo**); a vareta de pau-d'arco é fabricada pelos homens; a mulher confecciona a rodela de barro; a cabeça da vareta é recortada de osso de jacaretinga e embutida;

pilão e mão de pilão: o pilão (**akó**) é do tipo erecto, e trabalho dos homens; da mesma maneira a mão do pilão (**akónyo, akóinyó** = marido do pilão); só as mulheres o usam;

pente: os dentes são feitos de talinhas das pínulas de inajá, o cabo, de osso de jacamim, é enfeitado nas extremidades com peninhas de tucano, vermelhas ou amarelas. O nome do pente: **oyómkadze.**

Para completar a lista, devem-se mencionar ainda alguns objetos de procedência "civilizada", adquiridos pelo intercâmbio com os Kachúyana. São: espelhinhos, tesouras, facas, terçados, machados, enxadas e anzóis. Cremos que nisto se encerra, mais ou menos, a relação dos utensílios empregados pelos Káhyana, pelo menos os que estavam acessíveis à nossa observação.

f) Instrumentos de trabalho

De instrumentos primitivos encontramos sòmente o queixo do porco-queixada (**ahia mutámutpo**) que funciona como plaina para alisar arcos. E ainda algumas agulhas e perfuradores de osso (**wotóhi**). Instrumentos de ferro poucos existiam ou pelo menos, não estavam à vista. Uma faquinha, um fragmento de terçado e uma casca de bala (cal. 44) eram guardadas com verdadeiro ciúme. Provinham das aldeias Pianakotó. Receberam dos Kachúyana, naqueles dias, uma enxada, um machado e alguns terçados. Admiramo-nos desta falta tão grande de instrumentos de trabalho, tanto de ferro como líticos ou outros. Possìvelmente estavam guardados num mencionado "tapiri de cura", na mata. De outra maneira, dificilmente podem explicar-se as extensas roças e as construções de casas, cujo madeirame, visìvelmente, foi cortado com instrumentos de ferro.

g) Indumentária e adornos

Ambos os sexos usam tangas. As mulheres o **monenhó**, feito de miçangas, sempre adornado nas bordas com bicos de tucano ou frutinhas e sementes

chocalhantes. Os homens vestem o **mami**, uma tanga de algodão, em forma de faixa, de tecido caseiro. Passada por entre as pernas, é sustentada por um simples cordão. Alguns cintos, tecidos de fios de algodão, pareciam aquisição recente pelo contacto com os Kachúyana.

Os Káhyana pareciam-nos bastante pobres em adornos e enfeites. Não conheciam, conforme afirmação dos Kachúyana, as belas coroas duplas (**tchamatchamá**), como também os enfeites de ombro, feitos de penas de cauda de arara vermelha (**kuyáyemu**). Vimos, sòmente, uns aros de penas de tucano. As peças de algodão, porém, eram muito bem feitas. As mulheres sabiam fazer um tipo de braçadeiras (**ahómi**) de malhas, ligeiramente esticáveis. No mesmo sistema faziam também bandoleiras de algodão (**potchêmu**), embora preferissem as de miçangas (**woyakuhá**). Os homens, comumente, traziam braçadeiras (**ahómi**), pulseiras (**amékmi**), jarreteiras (**worákmi**) e tornozeleiras (**mútmi**) de fôlhas de murumuru pintadas, enquanto as mulheres tinham as mesmas peças confeccionadas de miçangas. Usavam também jarreteiras de algodão, com algumas franjas na frente. As mulheres ainda possuiam braceletes, cortados de casca de ouriço de castanha (**tutke-hítpo; murí**) e argolinhas de tucumã (**wokáneki**) para prender os cordões de miçangas (v. Pr. IV, 3-4).

Todos possuiam brincos, mas raramente os colocavam. Alguns tinham enfiado, nos orifícios dos lóbulos da orelha, um simples pedacinho de madeira roliça, sem dúvida para evitar que o furo se fechasse com o tempo. Outros usavam uns pinos, em cuja extremidade estavam grudados discos feitos de itã, de búzios do mato ou ainda de vértebras de peixes. O velho **amú** possuía uma bela peça daquelas, pois nos dois discos estavam amarrados vários cordões de miçangas que, por baixo do queixo, passavam de orelha a orelha (v. Pr. II).

h) Tintas e pinturas

Como todos os karib da área, também os Káhyana usavam tintas e pinturas, especialmente em ocasiões festivas. Distinguem pinturas faciais (**ahíu**) que executam com tintas de breu, e pinturas corporais (**ménu**), feitas com jenipapo e urucu.

Para a fabricação de tintas de breu tomam o chamado "breu branco" (protium, esp.) que, misturado com um pouco de óleo de castanha amolece e se dissolve, tornando-se uma massa mole, à qual se junta o corante: urucu para alcançar tons vermelhos (**wêyu**) ou fuligem do fundo das panelas para o prêto (**tsehó**). As poucas pinturas observadas, feitas com tais tintas, eram muito simples, resumindo-se a algumas linhas ou traços em côres alternadas. Em dias festivos, sem dúvida, saberão fazer pinturas faciais me-

lhores. Estas tintas de breu são aplicadas com pequenas espátulas de madeira, próprias para êste fim.

A pintura corporal, na ocasião da nossa visita, era mais usada pelas mulheres. É feita com o sumo de jenipapo que, depois de secar, toma tons azul-escuro, quase prêtos. Por cima dos desenhos, passam uma leve camada de urucu que se guarda em pequenas barras, à maneira de sabonetes. O desenho corporal típico para as mulheres é o chamado **piana-yáumu** (v. Pr. IV, 3-4), que se estende sôbre o ventre e as costas. As pernas e os braços levam, muitas vêzes, outros desenhos, p. ex., "pinta de onça" (**kaikúts menúru**) que são pontos dentro de algumas linhas-guias (v. Pr. IV, 4), ou um sistema de malhas, parecidas com pequenos losangos (v. Pr. IV, 2).

Com exceção de um jovem que mostrava, em parte, desenhos semelhantes aos de uma mulher da aldeia, os homens não usavam pintura corporal, naqueles dias. Não podemos indicar diferenças decisivas na pintura de homens e mulheres.

i) Dança e música

Em virtude da nossa visita a Márunu ter sido de pouca demora, não assistimos a nenhuma festa. À noite, porém, os índios dançavam um pouco para o nosso entretenimento.

As danças que observamos eram mais simples que as dos Kachúyana, embora a formação em filas tenha sido a mesma. Os homens preferiam um tipo de roda lenta, marchando compassadamente ao redor da fogueira do terreiro. Nos movimentos da dança, o sinal para o avanço ou para o recuo era dado como o maracá. Todos os homens seguravam uma flecha sôbre o ombro esquerdo.

Também as mulheres dançavam em roda. Formavam, porém, um semi-círculo interno, na frente dos homens, enquanto êstes formavam o externo. Mas, independentemente dos homens, cantavam cantigas diferentes, embora ao mesmo tempo. O resultado era uma mixórdia ininteligível de vozes e cantos.

As melodias são simples, ligeiramente monótonas. Cantavam também em Tunayána e Pianakotó. De fato, essas últimas cantigas eram um tanto melhores e mais ricas em cadências.

Flautas não são tocadas para essas danças. Mas existiam algumas nas casas, onde as vimos. Eram flautas de taboca, travessas (**wêrikruêne**) e longitudinais (**wehánama**), e algumas de osso. A flauta sagrada (**worúere**) sempre é guardada no balaio do pajé (cf. Frikel, 1961:18). Os Kachúyana nos chamaram a atenção para o fato de que os Káhyana ainda possuíam

algumas flautas de tíbias humanas; porém não as vimos. Opinavam que estavam escondidas naquele "tapiri de cura", na mata.

9. BASES DE SUBSISTÊNCIA

A vida dos Káhyana baseia-se nos quatro fatôres: caça, pesca, coleta e agricultura.

Como a maioria dos grupos daquela região, também êles consideram comestíveis quase todos os animais, aproveitando-os para sua cozinha. Algumas espécies, como onça e urubu, não são comidas. Até que ponto existem, positivamente, proibições nos alimentos e a quem se estendem, não conseguimos averiguar pela falta de tempo. Nos três dias da nossa estada em Márunu, verificamos sòmente que tinham carne moqueada de anta, porco, macaco e cotia, enquanto comiam paneladas de peixes, principalmente de traira-açu, caminani e piranha, e também jabotis cozidos.

A coleta ainda é uma grande ajuda na época das frutas. Diàriamente vão buscá-las na mata. Gostam muito das de palmeiras: bacaba, açaí e miriti, mas também de abiu silvestre, cajuaçu e muitas outras das florestas virgens, como podemos deduzir das suas conversas.

A agricultura, talvez, seja a fonte mais importante para êles, pois garante-lhes o sustento, quando, ocasionalmente, tôdas as outras fontes falham. As roças são bastante grandes, feitas em leves declives de colinas. Os vales, geralmente, são muito úmidos para plantações. Visitamos uma das suas roças. Encontramos ali:

mandioca (**ktchére**)
cará (**nahó**)
milho (**onádze**)
batata doce (**pari**)
cana (**prántê**)
bananas (**aháruru**)
mamão (**mamáya**)
ananás (**menúre**)
pimenta (**adzüdze; pemó**)
cubíu (**konómicha**)
tabaco (**tamtarére**)
jamaru (**matöge**)
urucu (**onontó**)
algodão (**máuru**)

Em outra roça tinham ainda curauá e um flechal, plantados. Observamos, todavia, que não conheciam ainda a macacheira, mas que, por outro

lado, cultivavam ananás, cana e tabaco em muito maior quantidade que os vizinhos Kachúyana.

A divisão de trabalhos, na roça, é semelhante à do grupo de seus parentes Kachúyana. O homem derruba e queima a área da mata escolhida, mas é principalmente a mulher quem planta e colhe.

O preparo e aproveitamento da mandioca são os generalizados entre os karib das Guianas. Arranca, descasca e rala-se a mandioca. A massa é espremida no tipiti, e dela fazem, mais tarde, o beiju. Farinha, à maneira brasileira, não conhecem. Tapioca e tucupi são aproveitados e estimados.

De certas frutas e tubérculos, como de bananas e cajuaçu, ou também de cará e batata doce, fabricam bebidas grossas, porém bem refrescantes, desmanchando-as em água fria do igarapé, adoçando-as com caldo de cana espremida (garapa). Outros pormenores quanto às bebidas e comidas nos escaparam, no pouco tempo disponível, como também a maneira de prepararem o cachiri que conhecem e usam, mas que não provamos, porque não havia na ocasião.

10. DIVISÃO DE TRABALHO

Também para os Káhyana, a divisão de trabalho, como fator de equilíbrio social, é de máxima importância, pois ela indica a cada indivíduo, quais as suas obrigações e o que não lhe compete fazer. Até onde conseguimos acompanhar o assunto, esta divisão de serviços coincide com a dos Kachúyana. Basta, pois, indicar os pontos essenciais.

I. Atribuições do homem são:

a) Confecção das armas e apetrechos de caça e pesca.

b) Confecção dos trançados.

c) Confecção dos utensílios de casa, feitos de madeira, taboca ou material semelhante (p. ex.: banquinhos, flautas, varetas de fuso, colheres de pau etc.).

d) Cuidados para o sustento básico da família (caça, pesca, em parte coleta e preparo inicial da roça).

e) Execução de cerimônias religiosas, xamanistas.

II. Atribuições da mulher são:

a) Confecção da cerâmica.

b) Preparo e confecção de peças de algodão.

c) Trabalhos de coleta na mata e na roça, e preparação da coleta e colheita.

d) Serviços de cozinha, incluindo a conservação do fogo e renovação da água.

e) Educação dos filhos menores: dos meninos, até a idade de poderem acompanhar o pai (pelos 7 anos, mais ou menos); das meninas, todo tempo até a época da puberdade e do casamento.

11. ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS

A forma básica do casamento parece ser a monogamia, embora a poliginia seja tolerada, segundo as informações; mas só encontramos matrimônios monogâmicos. Não cremos, todavia, que isso indique um nível moral "mais elevado", mas antes, um certo equilíbrio numérico entre os adultos de ambos os sexos.

Também o indivíduo Káhyana vive dentro e para a sua sociedade que é a grã-família paterna. Quando necessário, tem que contribuir para o bem-estar comum que é, ao mesmo tempo, o bem-estar de tôda a parentela presente.

Embora haja essa ligação com a comunidade, o senso pela independência individual é fortemente desenvolvido. Cada um faz o que quer e o que lhe parece bem. E, enquanto isto não prejudica a comunidade, ninguém reclama. Pràticamente, êsse individualismo, ligado a um senso de família igualmente bem desenvolvido, manifesta-se em primeiro lugar nas moradias individuais. Cada família tem sua casa e seu lote de roça próprios. Em Márunu moravam três famílias em três casas, com plantações um pouco mais afastadas, em distâncias de 5 a 10 minutos, a pé. A casa do chefe valia como ponto central, onde o pessoal se reunia, à tarde, para falar sôbre problemas comuns e os afazeres do dia seguinte. Havendo trabalhos de maior monta, como construção de casas ou derrubada de mata para roças, uns ajudam os outros num sistema de puxirum.

O tuxaua não é chefe em sentido absoluto, mas é sempre respeitado. Sua posição baseia-se mais no conceito de ser o mais velho do grupo familiar e, portanto, também o responsável por êle. Êste cargo vem como herança e, normalmente, passa de pai a filho. O chefe do grupo é — como as mais das vêzes também entre os Kachúyana — ao mesmo tempo o pajé da aldeia, por motivos de política interna. Tal sistema não só evita conflitos e rivalidades entre os possuidores dêsses cargos de destaque, mas também cisões no grupo.

Ao que parece, os Káhyana eram grupos patrilocais, porém matrilineares quanto à contagem de sua descendência. Um exemplo que resume em

si êsses dois traços, encontramos num indivíduo de mesclagem (grupal). O pai era Káhyana; a mãe, Pianakotó. Ela, casando, veio morar com a sipe do marido. O filho também viveu com os parentes do pai, aos quais se sentia ligado socialmente. Tudo isso parece evidenciar patrilocalidade. Mas por outro lado, êsse homem nunca foi considerado ou reconhecido por seus parentes paternos, como legítimo Káhyana e sim, como Pianakotó, porque sua mãe pertencia àquela tribo. Nunca o ouvimos ser chamado de outra maneira a não ser de "Pianakoto", certamente em vista da matrilinearidade existente. Por parte dos parentes maternos, não havia reclamações quanto a tudo isso, pois os Pianakotó são patrilineares, e, sob o ponto de vista dêles, o homem é Káhyana, pertencendo à sipe paterna. O jovem tinha, portanto, dupla nacionalidade: Pianakotó (pela mãe) e Káhyana (pelo pai). Em outras palavras, dá-se para os Káhyana o seguinte: embora tal indivíduo, pela descendência materna (nominalmente), pertença a outro grupo (Pianakotó), é educado e criado pelo grupo do pai (Káhyana) e nêle se incorporou, tornando-se, de certo modo, um tipo "naturalizado". Casos semelhantes encontramos, aliás, também entre os Kachúyana e os Maraxó. Por ter sido tão pequeno o grupo de Márunu, era difícil achar outros exemplos que corroborassem para uma definição mais patente do assunto.

12. RELIGIÃO

Também aqui, quanto ao quadro ideológico, temos que repetir que os conceitos religiosos dos Káhyana se incorporam, perfeitamente, aos dos Kachúyana. Parece não existirem diferenças de maior vulto.

Trata-se, essencialmente, de uma crença em espíritos e fôrças de bases e formas xamanistas. Como que aterrado debaixo dêste xamanismo, ainda se encontra a lembrança de um primeiro criador, **Purá**. Os mitos, a êsse respeito, enquanto podemos verificar, são os mesmos dos Kachúyana. Uma divergência nota-se na ordem da criação dos rios e, com isso, do seu mundo particular. Esta divergência patenteia o sentimento Káhyana de que o Kachpakúru era considerado terra de herança e habitat tradicional embora, segundo outros relatos, tivessem imigrado, em tempos idos, vindo das serras a Oeste e entrando na bacia do Trombetas pelo rio Kotonuru-Kuhá. Assim, pelos mitos Kachúyana, **Purá**, sendo pai, herói e criador, fêz primeiro o rio Kachúru (Cachorro) e depois o Trombetas que, para êles, é um grande braço do rio Kachúru. Segundo os Káhyana, porém, **Purá** fêz primeiro o rio Kachpakúru, depois o Kachúru e por fim, o Kahú ou Trombetas. Revela-se nestas atitudes um pouco do egocentrismo tribal dos dois grupos, embora concordassem nos conceitos gerais (p. ex.: do alto Trombetas ser sòmente afluente ou "braço" do Kachpakúru ou Kachúru, respectivamente).

A execução das cerimonias xamanistas pertence ao pajé. As mulheres, pelo menos oficialmente, desconhecem o sentido da ideologia xamanista e de suas práticas. Os objetos de feitiço e de cura também são os mesmos dos Kachúyana: pedrinhas, breus, figurinhas de madeira representando onças, porcos do mato, antas, cachorros etc., usados para fins de feitiços de caça ou até de malefícios. O velho amu possuía duas bonitas pedras de esteatite, delgadas e levemente curvadas, parecendo-se a uns espinhos. Presenteou-nos com elas, explicando que uma seria boa para curar feridas, a outra para febres.

Papel dominante nas curas exerce o fumo. Admiramo-nos do tamanho excessivo dêsses cigarros indígenas de tauari, que mediam 20 a 30 cm, enquanto os Kachúyana os usavam curtos. Só mais tarde soubemos que o cigarro longo é normal entre os Tiriyó-Pianakotó. Talvez, trate-se aqui de pequena influência de seus vizinhos Pianakotó do alto Kachpakúru.

RESUMO

Tentamos, nas páginas anteriores, passar em breve resenha o **habitat**, a vida e uma série de costumes, elementos da cultura material e alguns pontos da estrutura social de um grupo karib, os Káhyana. Incluímos, em alguns lugares, ligeiras anotações sôbre o passado da tribo, conforme a própria tradição e a dos Kachúyana. Pormenores que, talvez, possam interessar, podem ser relidos em **Tradições Histórico-Lendárias**, (Frikel, 1955). Advertimos, todavia, que ali se trata da versão Kachúyana, pois a dos Káhyana, possìvelmente seria diferente, incriminando muito mais os seus antigos adversários Kachúyana. Tocamos também em problemas de aculturação interindígena daquela região ou, pelo menos, nas influências exercidas sôbre os Káhyana, pelos grupos circunvizinhos.

Finalizando, insistimos ainda na afirmativa de se tratar nas presentes páginas sòmente de nótulas e não de um estudo pròpriamente dito sôbre êsses índios, pois a demora de ùnicamente três dias não nos ajudou a coletar mais dados. Opinamos, todavia, que é melhor conhecer e comunicar o pouco do que nada. Cremos justificar-se assim a publicação, mais ainda por se tratar, quanto ao nosso conhecimento, da única documentação sôbre êsse grupo.

Alegamos, por várias vêzes, que os Káhyana se extinguiram, em 1949. Enquanto as linhas precedentes visaram, sobretudo, transmitir alguns aspectos culturais dos Káhyana, com base em observações de campo, seja-nos permitido anexar, em último parágrafo, a descrição do trágico fim dêsses índios, apoiando-nos em relatos fornecidos aos Kachúyana pelos três sobreviventes.

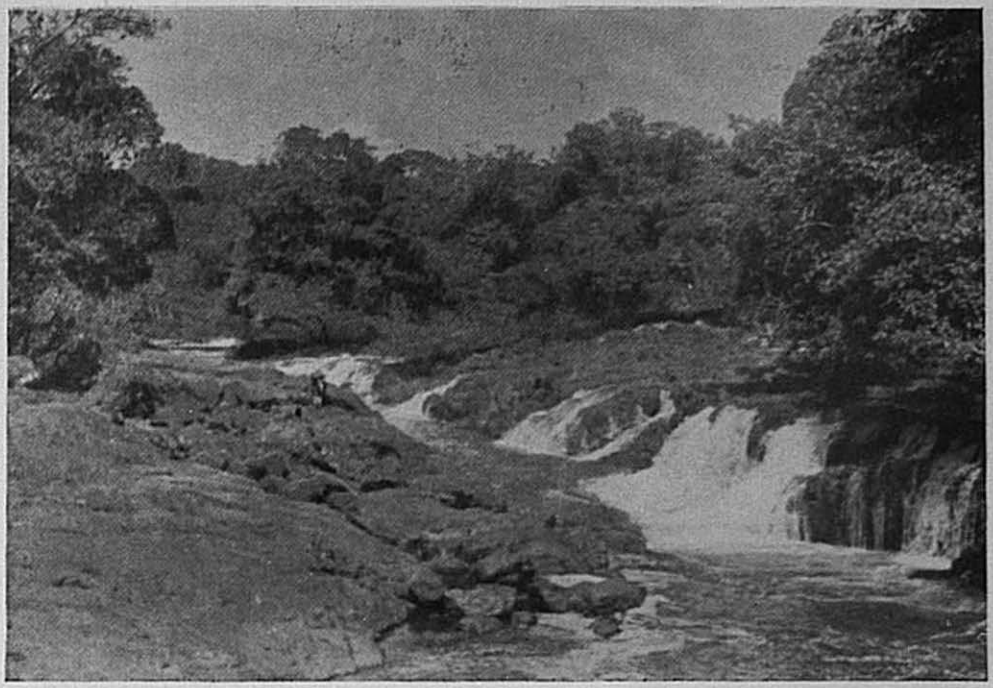
Saindo de Márunu, prometemos ao nosso "vovô" que voltaríamos no verão do ano seguinte, o de 1949. De fato, preparamo-nos para aquela viagem e, chegando o tempo apropriado, subimos o Trombetas. O nosso interêsse, desta vez, não era só o grupinho dos Káhyana e sim aquêles grupos mais arredios do Kurátari. Esperávamos alcançar contactos com êles, por intermédio dos Káhyana. Por isso, estávamos bem providos de objetos de troca.

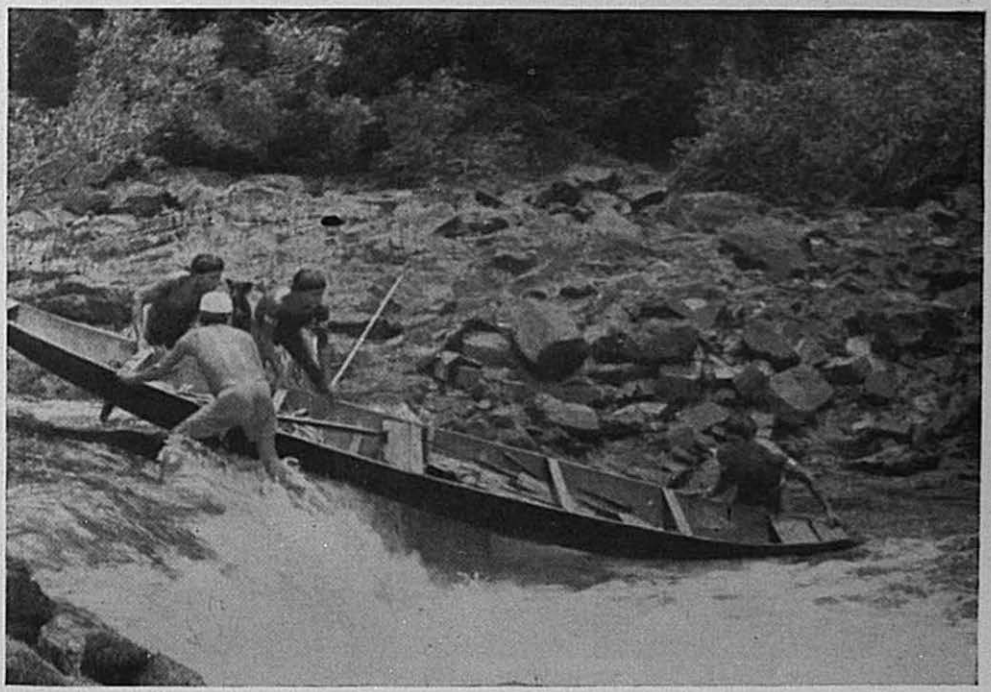
Chegamos ao alto Trombetas. Depois de descansar um pouco na aldeia dos Kachúyana, na maloca do Enti, falamos do nosso propósito de subir o Kachpakúru até Márunu. Isto foi um choque para êles. Olharam-nos com os olhos bem espantados, enquanto perguntavam: "Subir até Márunu? O que tu vais fazer lá?..." "Ora, respondemos, vocês sabem que o 'velho' está esperando todos nós, conforme prometemos no ano passado. Vamos, então, até lá!..." Perceberam a minha ignorância sôbre o ocorrido em Márunu. Finalmente, Enti, o chefe da aldeia disse: "Ninguém não vai! Ninguém vai mais lá! Márunu já não existe mais. Amú e todo aquêle pessoal já morreu. Lá não tem mais ninguém!..."

A surprêsa, agora, foi nossa. Então, contaram-nos o que se tinha passado no Kachpakúru. Em resumo, foi mais ou menos o seguinte:

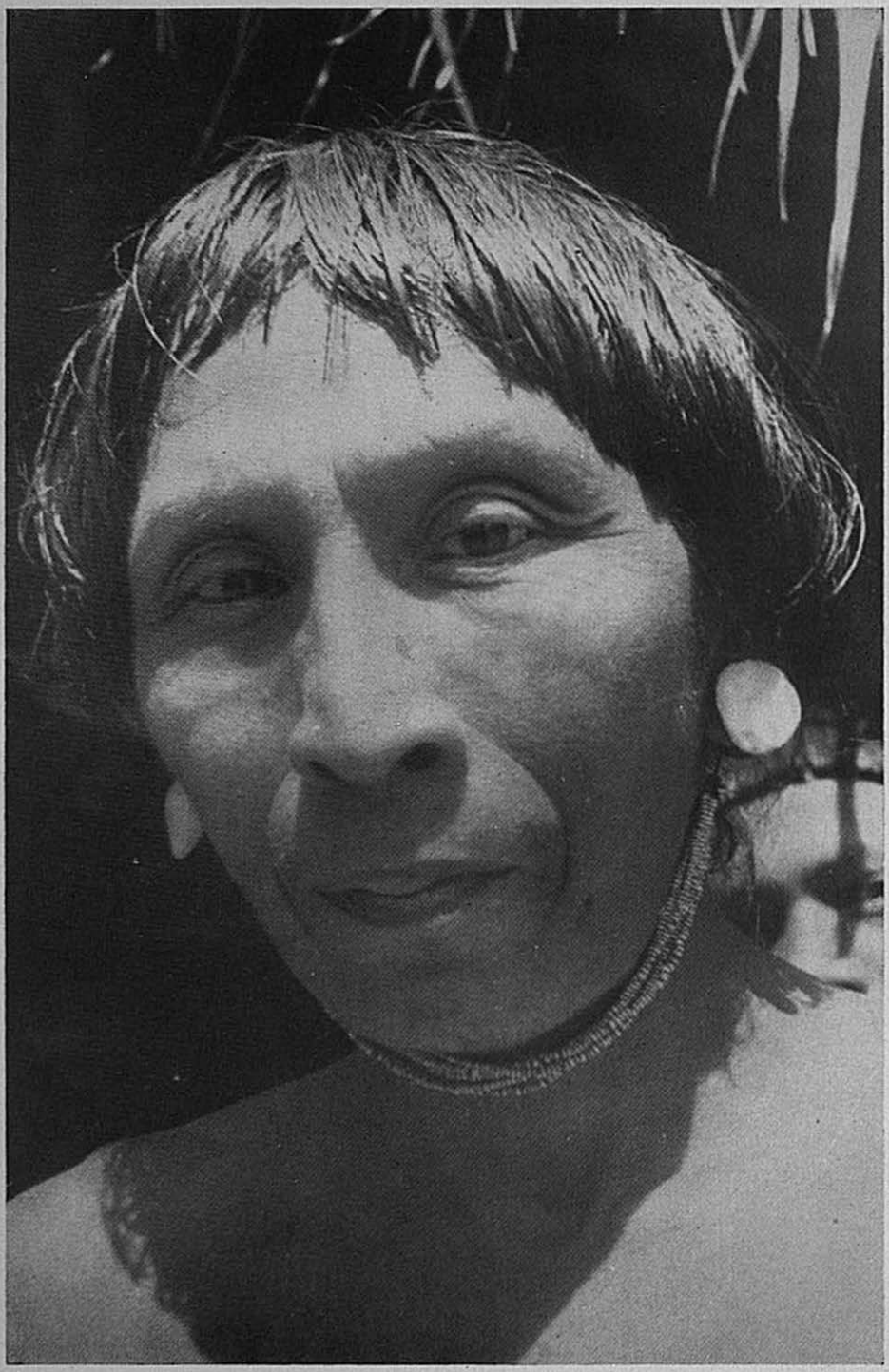
Não muito após nosso regresso, no ano anterior, alguns homens de Márunu subiram o Kachpakúru até a outra aldeia, levando objetos que lhes havíamos dado e que êles queriam trocar com os parentes. Uma vez lá, covidaram-nos para uma festa dos Márunu. Curiosos por saber daquelas novidades a respeito do "branco", êles aceitaram e chegaram na lua marcada, para dançar e beber. Até aí estava tudo bem.

Aconteceu, porém, que o "velho", durante a festa, violentou uma das mulheres do grupo de cima. O marido, quando soube, não gostou. Mas receando a fôrça dos homens, não quis provocar briga aberta. Pensou em liquidar o caso silenciosamente. Foi preparar veneno, misturando-o com cachiri. Quando, à noite, todos estavam dançando e bebendo, mandou a mulher violentada oferecer ao chefe da aldeia uma cuia da bebida envenenada. Êste bebeu, ofereceu-a ao filho que também bebeu e devolveu-a ao "velho", que tragou o resto. Não demorou e os efeitos do tóxico fizeram-se sentir. Com dores de estômago que, mais tarde, resultaram em gritos lancinantes, o "velho" foi para a rêde, e de lá não se levantou mais. Morreu ainda na mesma noite. O filho vomitou muito, mas por ter bebido pouco do cachiri envenenado, melhorou no dia seguinte. Assim que amu adoeceu, pelos sintomas, os índios sabiam do que se tratava. Ademais, a aventura amorosa do "velho" já tinha transpirado e desconfiou-se logo quem seria o autor da sua morte. Tudo começou com um bate-bôca e resultou em briga de mão armada. As mulheres in-



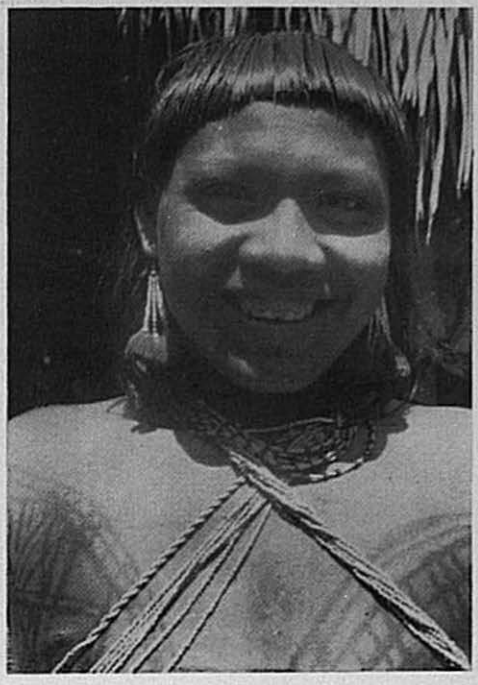


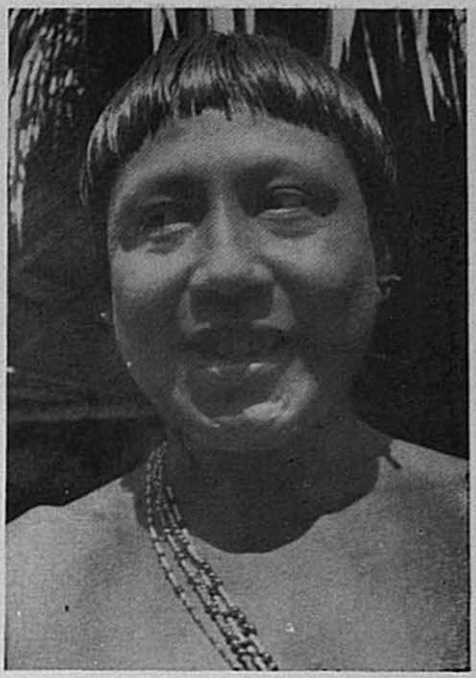
Prancha I
1. *Cachoeira Kumpia.*
2. *Uma das cachoeiras acima de Arintútpërë.*



Prancha II

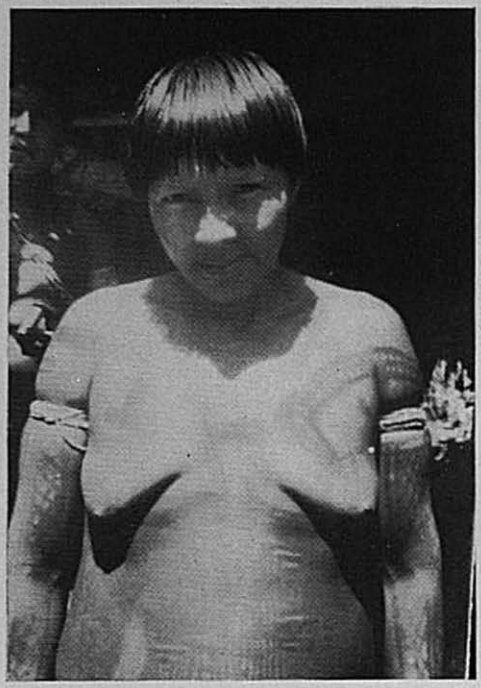
"Amu, o último chefe Káhyana.

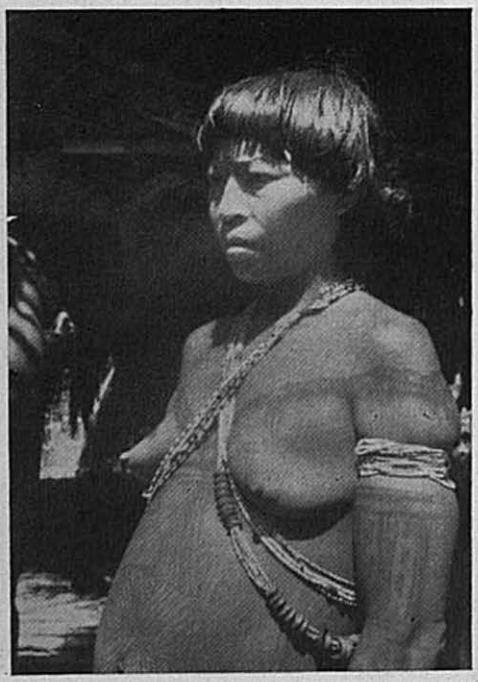




Prancha III

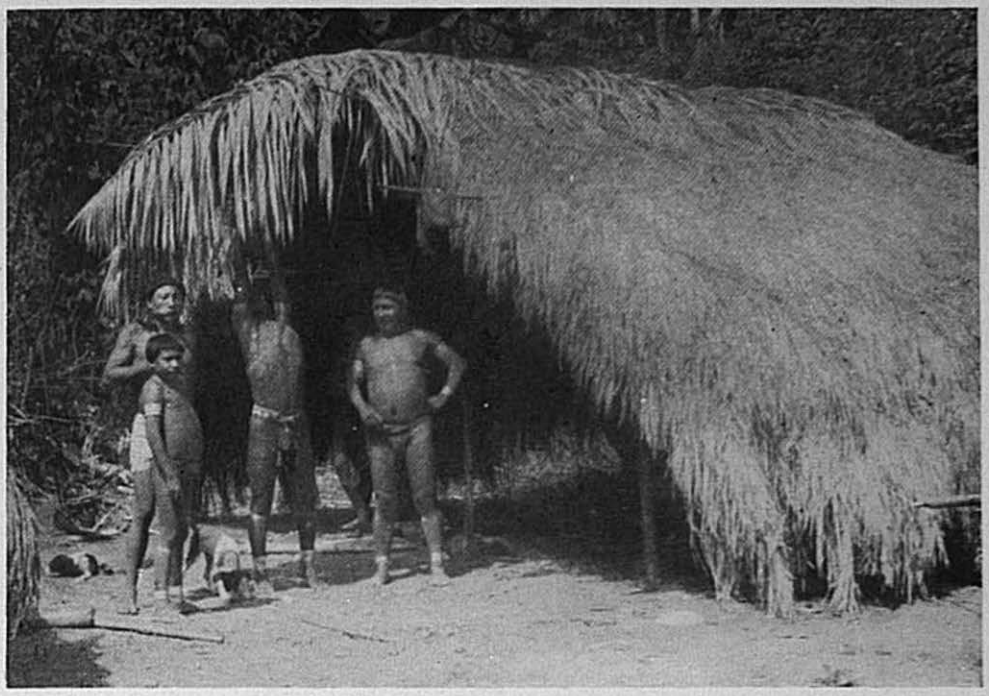
1. *Okóy, o mais nôvo dos sobreviventes.*
2. *O "Pianakató", outro sobrevivente.*
3. *A única mulher que escapou da matança em Márunu.*
4. *Um menino de Márunu, morto na fase final.*

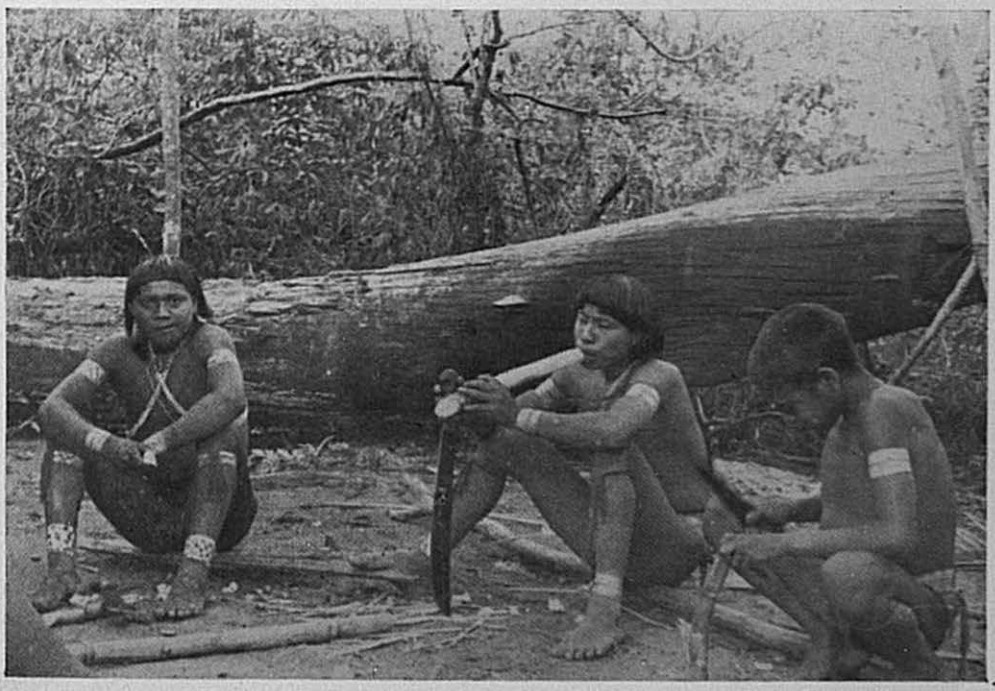




Prancha IV

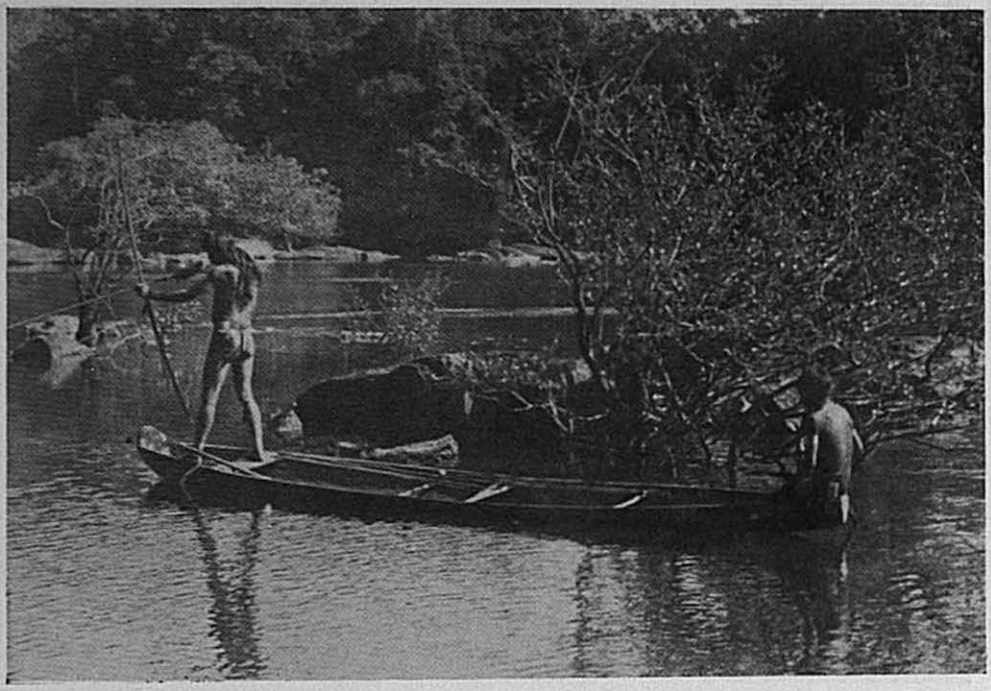
1-2. *Mulher Káhyana, morta a tiros de flecha.*
3-4. *"Oktchempike", a "Belezinha", morta a cacetadas na beira do rio.*

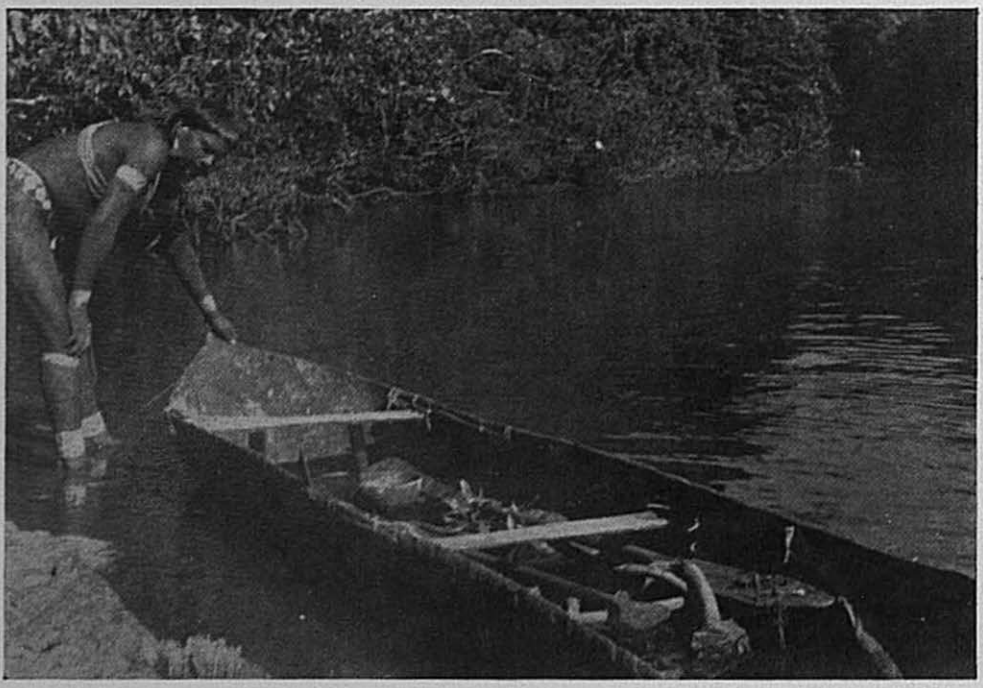




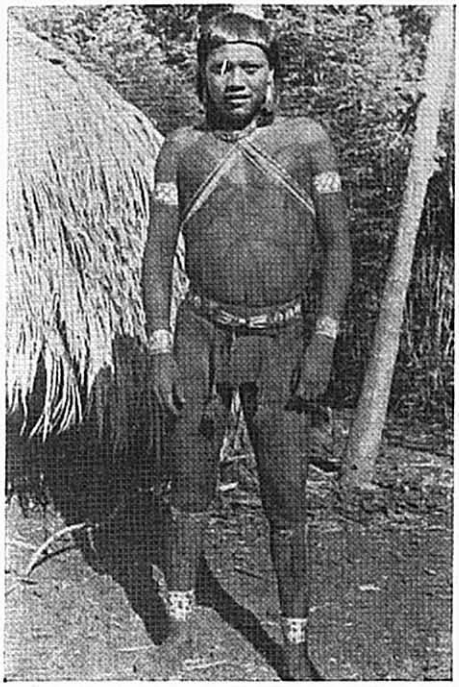
Prancha V

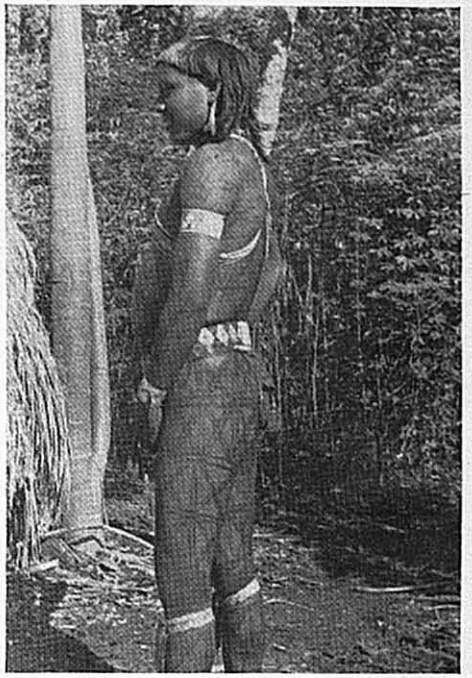
1. *Casa Káhyana, em Márunu.*
2. *Homens na roça, chupando cana.*

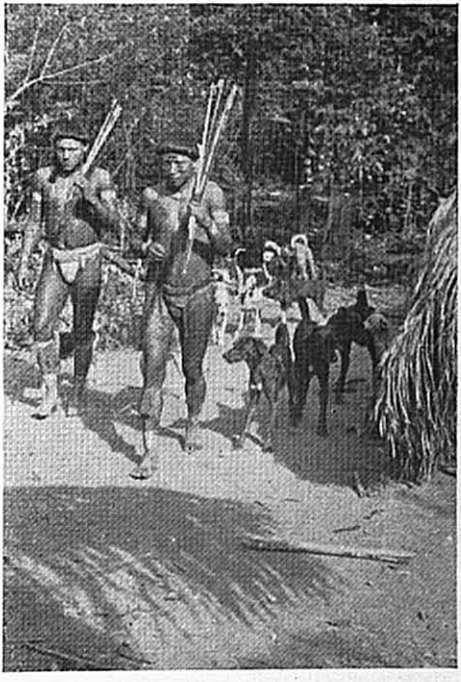




3. *Índio Káhyana, pescando.*
4. *Índio com canoa de casca.*





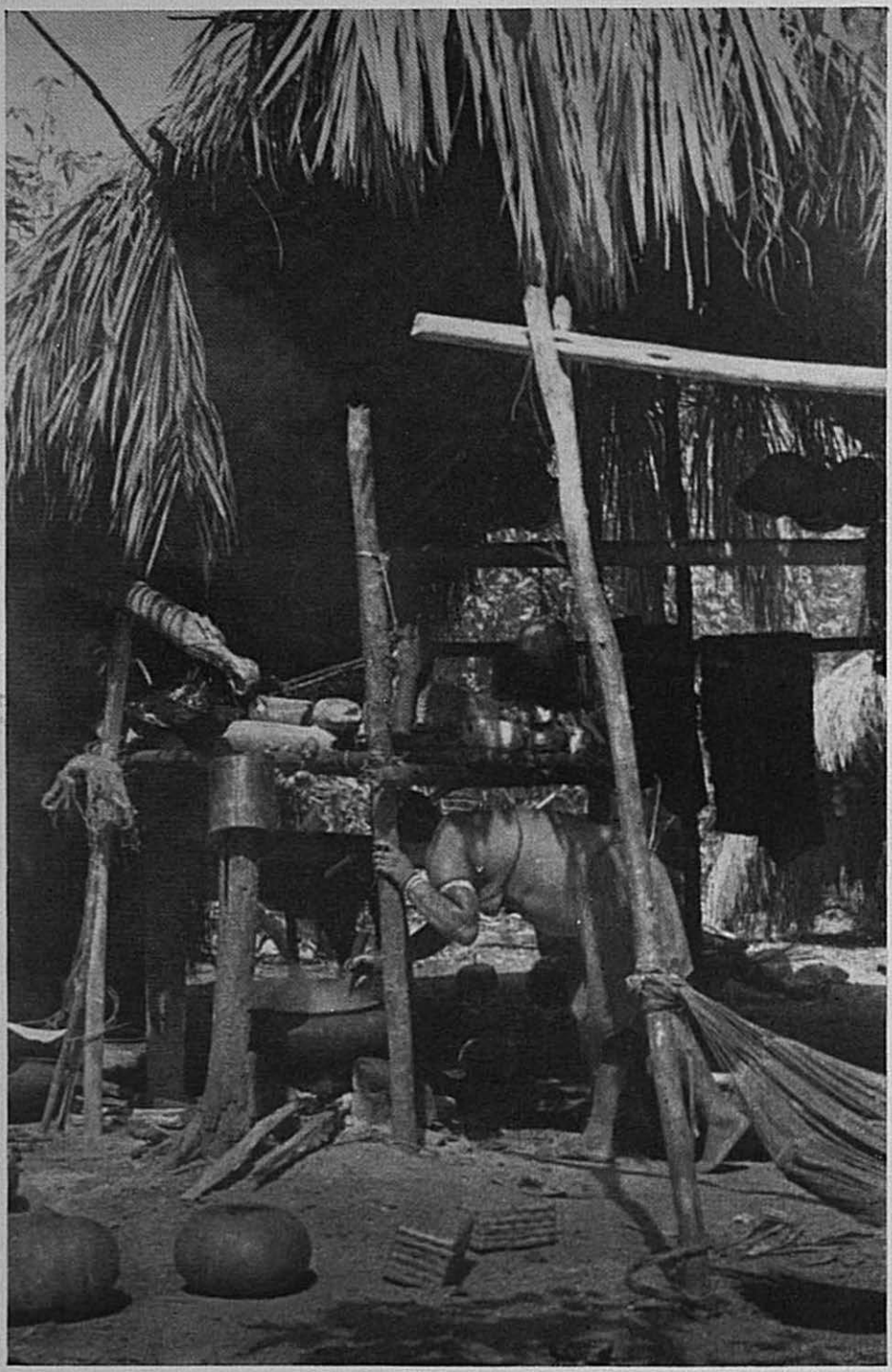


Prancha VI

1-2. *Okói, enfeitado. O corte do cabelo, o sistema de pintura corporal e as ligas de murumuru pintadas mostram a influência Kachúiana.*

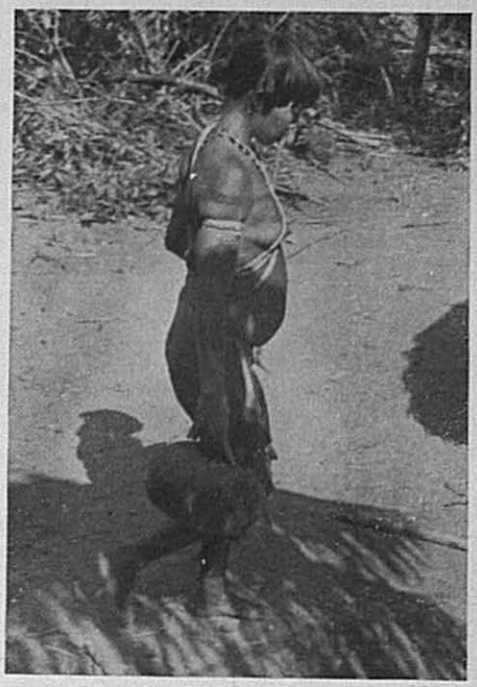
3. *Luta corporal, jôgo amistoso de medir fôrças.*

4. *Índios voltando da caça.*



Prancha VII

Aspecto da cozinha Káhyana.



Prancha VIII

1. *Em busca de água.*
2. *Duas mulheres Káhyana.*

Prancha IX
Mulher, voltando da roça e carregando mandioca.

tervieram, provàvelmente para apartar os homens, e apanharam também. Conclusão: de Márunu, uma das mulheres foi morta a cacetadas; do grupo de cima morreram dois homens e mais uma mulher, esta, a terçadadas. Enquanto a briga se desenrolava, as mulheres do grupo visitante pegaram as rêdes, alguma comida e carregaram as canoas. Ainda no escuro, o grupo foi embora, subindo para a aldeia.

O pessoal de Márunu, cheio de rancor pela morte de seu chefe e daquela mulher, resolveram não dar tréguas, e vingar-se logo. Calcularam que os Káhyana de cima retirar-se-iam, primeiramente, para as roças do Imno-húmu a fim de ficarem longe e em segurança; e que, depois, com tôda calma, iriam preparar arcos, flechas e bordunas em quantidade, para atacar. Os Káhyana de Márunu, assim prevendo, queriam justamente evitar um futura agressão, e pegá-los, enquanto ainda estavam descuidados em sua aldeia do Kachpakúru. E assim fizeram. Poucos dias depois, com cautela, subiram o rio, fazendo os últimos trajetos por terra, através da mata. Reconheceram primeiro o terreno, e notaram que, de fato, os Káhyana estavam fazendo grande quantidade de beijus, sinal de que preparavam viagem. De madrugada, inesperadamente, atacaram. Houve uma verdadeira chacina e, pelo que os Kachúyana informaram, deve ter morrido metade da população daquela aldeia. Pereceram mais mulheres e crianças do que homens. Os sobreviventes conseguiram fugir para as matas e reuniram-se depois nos sítios do Imno-húmu. Os Káhyana de Márunu destruíram ainda as casas e as roças de seus parentes derrotados, regressando em seguida.

Entretanto, o pessoal sobrevivente, reunido no Imno-húmu, fêz a mesma reflexão que os outros anteriormente haviam feito: não dar tréguas! pois os de Márunu, sem dúvida, iam quanto antes desmanchar e desfrutar a roça, para depois mudar de aldeia. Julgavam que iam juntar-se aos Kachúyana no Trombetas, ficando assim quase fora de alcance. De fato, era o que os de Márunu pretendiam fazer. Mas não contavam com a ligeireza dos outros. Êstes trabalhavam apressadamente na fabricação de flechas e bordunas-cacêtes, e pouco tempo depois vieram a Márunu. De madrugada, cercaram a aldeia, vigiaram os caminhos e antes que a mata ficasse clara (entre as 5 e 7 horas da manhã) atacaram. Encontraram a maior parte dos de Márunu tomando o seu mingau, desprevenidos, enquanto eram flechados. No terreiro, um homem, consertando suas armas, foi atingido nas costas por flechas expedidas com tanta fôrça que a ponta de taquara lhe saiu pelo peito. Mataram-no depois a bordoadas. Em pânico, um rapaz ainda jovem, de nome Okói, o "Pianakoto" e uma mulher correram ao pôrto, para alcançar uma canoa. Outra mulher, apelidada de Oktchempíkě, isto é, "Belezinha" ou "Bonitinha", percebeu a fuga e correu também, rumo à canoa. Surgiu, no último momento, um Káhyana que lhe rachou o crânio. Êste, porém, também perdeu a vida, porque o "Piana-

koto" o acertou, em cheio, com uma flecha. Os três fugitivos atravessaram o rio, baixaram o Kumpia pelo lado oposto, e viajaram, dia e noite, até chegar à aldeia Kachúyana, onde contaram o ocorrido. Ficaram ali, e ainda em 1953 os encontramos morando com aquêle grupo. O pessoal restante de Márunu, porém, percebeu. Destarte, extinguiu-se pràticamente um grupo inteiro; o outro ficou reduzido a menos da metade, a umas 10 pessoas no máximo, condenado igualmente a desaparecer.

Relembrando tôda esta tragédia do Kachpakúru, vem-nos à mente a palavra singela, mas verdadeira de um informante nosso a respeito dos Káhyana, anteriormente citada: "Não só brigaram com os outros, brigaram muito entre si... Não foi por doença que êles se acabaram como os nossos. Foi por briga!..."

Desta vez, excepcionalmente, não foi o homem civilizado que teve a culpa da extinção dos dois grupos, e sim o ódio e a sêde de vingança, desenfreados, dêles mesmos.

AGUIAR, BRAZ DIAS DE

1943 — Nas Fronteiras da Venezuela e Guianas Britânica e Neerlandêsa, de 1930 a 1940, Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, Rio de Janeiro.

FRIKEL, PROTÁSIO

1955 — «Tradições Histórico-Lendárias dos Kachúyana e Káhyana», Revista do Museu Paulista, Nova Série, Vol. IX, São Paulo.

1957 — «Zur linguistisch-ethnologischen Gliederung der Indianerstaemme von Nord--Pará (Brasilien) und den aliegenden Gebieten», Anthropos, Vol. 52, Posieux, Suíça.

1958 — «Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes», Revista de Antropologia, vol. 6, n.º 2, São Paulo.

1961 — «Mori. A Festa do Rapé (Índios Kachúyana)», Boletim do Museu Paraense «Emílio Goeldi», Antropologia, n.º 12, Belém.

1964 — «Das Problem der Pianakotó-Tiriyó», Völkerkundliche Abhandlungen, Bd. 1., Niedersächsisches Landesmuseum, Hannover, Alemanha.

The present paper treats about the Káhyana Indians, a caribean group on the Kachpakúru river, tributary of the Trombetas river. They extinguished in 1949. The author offers only fieldnotes, not intending a study in the strict sense, since time spent among the indicated tribe was short. He tries to report aspects of the habitat, of life and customs, of elements of the material culture and some indications of social structure of this group. He touches also upon problems of aculturation ou inter--indigenous influences of the Trombetas river, in so far as they affect the Káhyana. Sometime the tribal tradition is mentioned rapidly, but can be read more detelled in «Tradições Histórico-Lendárias...» (Frikel, 1955). Finally, the extermination of the Káhyana group is related, acording to depoiments of the three survivers. The author thinks that these field-notes are an unique documentation about these Indians.